



# Curso de Graduação a distância em **Ciências Contábeis**



## **Técnicas de Pesquisa**

*Liane Carly Hermes Zanella*

*Adaptação:*

*Eleonora Milano Falcão Vieira*

*Marialice Moraes*



Universidade Federal de Santa Catarina  
Centro Sócio-Econômico  
Departamento de Ciências Contábeis

Atribuição  
Compartilha Igual



---

Z28t Zanella, Liane Carly Hermes

Técnicas de pesquisa / Liane Carly Hermes Zanella; adaptação: Eleonora Milano Falcão Vieira, Marialice de Moraes. - 3. impri. - Florianópolis : Departamento de Ciências Contábeis /UFSC, 2013.

104p.

Curso de Graduação Ciências Contábeis

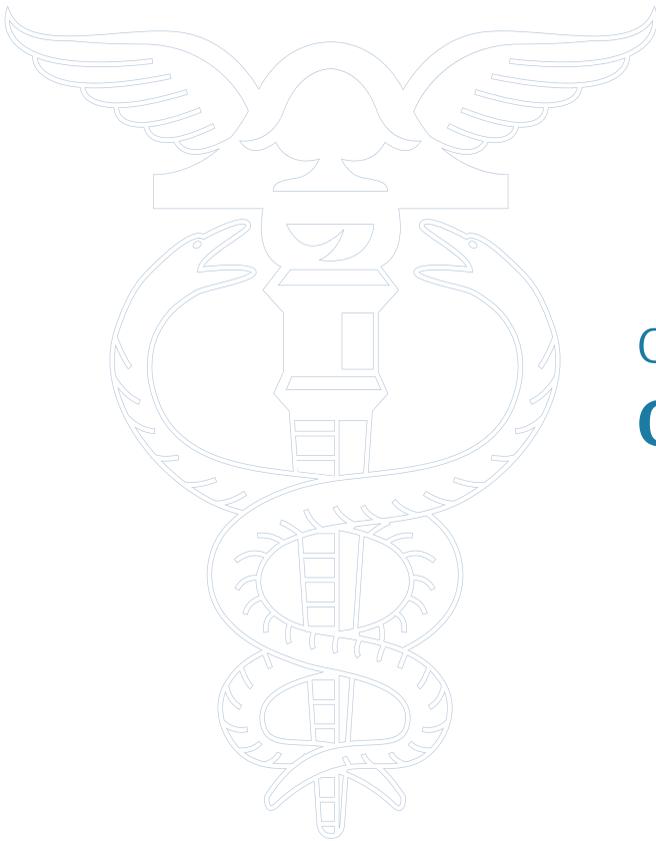
Inclui bibliografia

ISBN: 978-85-62-894-14-5

1. Pesquisa – Metodologia. 2. Fontes de informação. 3. Educação a distância. I. Vieira, Eleonora Milano Falcão. II. Moraes, Marialice de. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Secretaria de Educação a Distância. Departamento de Ciências Contábeis. IV. Título.

CDU:001.837.018.43

---



## Curso de Graduação a distância em **Ciências Contábeis**



### **Técnicas de Pesquisa**

*Liane Carly Hermes Zanella*

*Adaptação:  
Eleonora Milano Falcão Vieira  
Marialice Moraes*

## **GOVERNO FEDERAL**

**Presidente da República** – Dilma Vana Rousseff

**Ministro da Educação** – Aloizio Mercadante

**Diretor de Educação a Distância da CAPES** – Jean Marc Georges Mutzig

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**Reitora** – Roselane Neckel

**Vice-Reitora** – Lúcia Helena Pacheco

**Pró-Reitor de Administração** – Antonio Carlos Montezuma Brito

**Pró-Reitora de Assuntos Estudantis** – Denise Cord

**Pró-Reitor de Pesquisa** – Jamil Assereuy Filho

**Pró-Reitor de Extensão** – Edison da Rosa

**Pró-Reitora de Pós-Graduação** – Joana Maria Pedro

**Pró-Reitor de Graduação** – Julian Borba

**Pró-Reitor de Planejamento e Orçamento** – Antonio Cezar Bornia

**Secretário de Aperfeiçoamento Institucional** – Airton L. Cerqueira Leite Seelaender

**Secretária de Cultura** – Zilma Gesser Nunes

**Secretária Especial da Secretaria Gestão de Pessoas** – Elci Terezinha de Souza Junckes

**Secretário de Relações Internacionais** – Luiz Carlos Pinheiro Machado Filho

**Coordenadora UAB/UFSC** – Sonia Maria Silva Correa de Souza Cruz

## **CENTRO SOCIOECONÔMICO**

**Diretora** – Elisete Dahmer Pfitscher

**Vice-Diretor** – Rolf Hermann Erdman

## **DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

**Chefe do Departamento** – Luiz Felipe Ferreira

**Subchefe do Departamento** – Joisse Antonio Lorandi

**Coord. Geral do Curso de Graduação na modalidade a distância** – Luiz Felipe Ferreira

**Coordenadora de Educação a Distância** – Eleonora Milano Falcão Vieira

**Coordenador de Tutoria** – Altair Borgert

**Coordenador de Pesquisa** – Darci Schnorrenberger

**Coordenador de TCC** – Marcelo Dutra

**Coordenador de Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem** – Irineu Afonso Frey

**Coordenador Financeiro** – Erves Ducati

**Coordenador Pedagógico** – Ernesto Fernando Rodrigues Vicente

## **EQUIPE DE PRODUÇÃO DE MATERIAL**

**Coordenação de Design Instrucional** – Andreia Mara Fiala

**Coordenação de Design Gráfico** – Giovana Schuelter

**Design Instrucional** – Jimena de Mello Heredia

**Revisão Textual** – Bárbara da Silveira Vieira

**Design Gráfico** – Fabrício Sawczen

**Ilustrações** – Fabrício Sawczen

**Design de Capa** – Fabrício Sawczen

**Projeto Editorial** – Fabrício Sawczen

# SUMÁRIO

## UNIDADE 1

### CIÊNCIA, CONHECIMENTO E PESQUISA ..... 11

1.1 Ciência e conhecimento.....	13
Conhecimento empírico .....	13
Conhecimento filosófico .....	13
Conhecimento teológico .....	14
Conhecimento científico .....	14
Ciência .....	16
1.2 O que é metodologia e o que é pesquisa .....	18
Resumo da Unidade.....	22
Referências .....	22

## UNIDADE 2

### FONTES DE INFORMAÇÃO ..... 23

2.1 Conceitos e classificações.....	25
2.2 Critérios para seleção de material.....	28
Credibilidade da informação:.....	28
Atualização: .....	29
Domínios: .....	29
Critérios de conteúdo .....	29
Relevância.....	30
Resumo da Unidade.....	31
Referências .....	32

## UNIDADE 3

### TIPOS DE PESQUISA ..... 33

3.1 A primeira grande divisão.....	35
3.2 A pesquisa – do ponto de vista dos objetivos.....	36
Pesquisa exploratória: .....	37
Pesquisa descritiva: .....	37
Pesquisa explicativa: .....	37

3.3 A pesquisa – do ponto de vista da abordagem .....	38
Pesquisa qualitativa .....	38
Pesquisa quantitativa .....	38
3.4 A pesquisa – do ponto de vista dos procedimentos.....	39
Pesquisa bibliográfica: .....	39
Pesquisa documental: .....	40
Pesquisa experimental: .....	40
Pesquisa <i>ex-post-facto</i> : .....	41
Pesquisa participante: .....	42
Estudo de caso: .....	42
Resumo da Unidade.....	44
Referências .....	44

## UNIDADE 4

<b>AS ETAPAS DA PESQUISA CIENTÍFICA .....</b>	<b>45</b>
4.1 O processo de pesquisa .....	47
4.2 O planejamento da pesquisa .....	49
O que pesquisar? .....	50
Por que pesquisar? .....	59
Para que pesquisar? .....	60
Como pesquisar? .....	62
4.3 A execução da pesquisa.....	66
4.4 A comunicação dos resultados .....	67
Resumo da unidade .....	69
Referências .....	70

## UNIDADE 5

<b>REDAÇÃO .....</b>	<b>73</b>
5.1 Princípios do trabalho científico .....	75
5.2 Requisitos semânticos.....	78
5.3 Requisitos epistemológicos .....	78
5.4 Requisitos metodológicos.....	79
Resumo da unidade .....	83
Referências .....	83

## UNIDADE 6

### **INSTRUMENTOS E TÉCNICAS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.....85**

6.1 Questionário..... 87

6.2 Entrevista..... 94

6.3 Análise documental..... 97

6.4 Observação..... 99

6.5 Técnicas de análise de dados ..... 100

Resumo da unidade ..... 103

Referências ..... 104

## CARO(A) ALUNO(A),

Olá! Seja bem-vindo!

Você está iniciando seu primeiro contato com a produção de um conhecimento específico e fundamental para o seu desenvolvimento como pesquisador: o aprendizado sobre técnicas de pesquisa. O propósito fundamental desta disciplina é auxiliar você, acadêmico do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, a compreender o processo de construção da ciência e da pesquisa.

Nesse processo, a articulação entre ensino, pesquisa e extensão - as três funções básicas de uma universidade - é de extrema significância. Por isso, a compreensão dessas funções foi, de certo modo, o ponto norteador da construção desta disciplina.

Em relação ao ensino, buscaremos incentivar, ao longo deste semestre, uma reflexão conjunta sobre a construção do conhecimento, associada ao desenvolvimento de habilidades necessárias para a realização da atividade científica. Como pesquisa, a disciplina tem a finalidade de prepará-lo para uma produção adequada do conhecimento científico. Afinal, será por meio da produção de artigos científicos, seminários, comunicações, do seu trabalho de conclusão de curso, por exemplo, que você construirá o seu caminho como pesquisador. Ao longo do Curso que você agora inicia, essas produções se farão paulatinamente necessárias e é por isso que o aprendizado sobre técnicas de pesquisa é particularmente especial neste seu início de percurso. Já como extensão, esta disciplina irá permitir que você e seus colegas de curso preparem-se adequadamente para a participação (e, inclusive, a promoção) de eventos diversos, como relatos de pesquisa, consultorias, assessorias, prestação de serviços, palestras, etc.

E lembre-se: será por meio desse caminho, entrecruzado pelo ensino, pela pesquisa e pela extensão, que você irá compartilhar com os seus colegas e com a comunidade externa à academia, o conhecimento produzido durante a realização do seu curso nesta universidade.

Este caminho poderá ser fácil e agradável para quem desenvolver as atividades com seriedade e respeito aos princípios básicos da construção da ciência.

Nosso contato não será passageiro, já que o conhecimento e a produção a que nos propomos serão construídos ao longo do tempo. Assim, a equipe envolvida nessa caminhada se coloca à disposição para acompanhar e vivenciar esta importante etapa da sua vida.

Existem diversas maneiras de explicar os fatos e fenômenos que envolvem o mundo em que vivemos, e a ciência é uma dessas formas. A Ciência é, portanto, uma forma de conhecimento.

A atividade básica da ciência é a pesquisa. Através dela, é possível conhecer e compreender o mundo. No entanto, até há bem pouco tempo, a pesquisa e seus resultados eram restritos ao mundo dos pesquisadores e das instituições e organizações interessadas na investigação. Hoje, vivemos numa sociedade que consome diariamente notícias e informações relacionadas a resultados de pesquisas. É possível afirmar, então, que somos consumidores de resultados de pesquisa. Os meios de comunicação trazem, diariamente, novidades relacionadas a diferentes campos da ciência: biomedicina, tecnologia, artes e comunicações, ciências sociais e humanas, entre outros. No entanto, decodificar essas informações é uma tarefa complexa. Para uma pessoa que sabe como uma pesquisa é realizada, é mais fácil julgar a veracidade e a exatidão dos resultados divulgados.

Assim, além das vantagens práticas que você irá adquirir conhecendo vários métodos de pesquisa, existe também a satisfação intelectual. Uma nova forma de ver o mundo, de julgar as experiências diárias, configura-se diante dos nossos olhos quando nos descobriremos adequadamente capacitados para compreender a produção científica. Caso contrário, dúvidas povoam nossas cabeças e enfraquecem a nossa capacidade de julgamento. Dúvidas como as que seguem:

Com base em que estão afirmando tal fato?

Qual é o fundamento dessa opinião?

De onde vem essa informação?

Como alcançaram esses resultados?

Por que realizaram esse trabalho?

Nesse contexto, a disciplina de Técnicas de Pesquisa busca auxiliar o aluno do Curso de Graduação em Ciências Contábeis, oferecido pelo Departamento de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina, a compreender o processo de construção da ciência e da pesquisa. Como conhecimento instrumental, possibilita desenvolver habilidades necessárias para a atividade científica. Esta disciplina tem, portanto, o propósito de mostrar o caminho que é percorrido para a realização de uma pesquisa científica.

Esperamos que, juntos, possamos desenvolver um aprendizado rico e proveitoso no decorrer desta disciplina.

*Prof<sup>ª</sup>. Eleonora*

*Prof<sup>ª</sup>. Marialice*

# Unidade 1

## Ciência, Conhecimento e Pesquisa

Esta unidade é essencial para a compreensão desta disciplina. Você verá, ao longo da sua leitura, que questões fundamentais sobre a principal atividade realizada nas universidades – ou seja, questões sobre a produção do conhecimento – são abordadas nesta primeira unidade. Dentro deste tema, veremos quais são os diferentes tipos de conhecimento; o que é ciência; o que é metodologia e o que é pesquisa. Procure ler com atenção todo o texto desta unidade e busque informações complementares. Pesquise em outras fontes de conhecimento e não apenas nas indicações sugeridas no “Saiba Mais”. Não deixe de participar do fórum que abordará esta temática e, também, de elaborar o exercício de análise sugerido ao final desta unidade. Assim, iniciamos nosso percurso na construção deste conhecimento específico.

Bom trabalho!



## 1.1 CIÊNCIA E CONHECIMENTO

Atualmente, a sociedade vive a era da *informação* e do *conhecimento*, resultado da evolução e acumulação de competência científica e tecnológica. Para chegar até aqui, o homem, movido pela curiosidade, buscou conhecer o mundo em que vivia. Mas, afinal, o que é conhecer? Conhecer é estabelecer uma relação entre quem conhece e o que passa a ser conhecido.

*Então, conhecimento é a relação entre um sujeito cognoscente e um objeto. Assim, todo conhecimento pressupõe dois elementos: o sujeito, que quer conhecer, e o objeto, a ser conhecido.*

No entanto, a ciência não é o único caminho de acesso ao conhecimento. Os metodólogos (especialistas em metodologia) são unânimes em afirmar que existem quatro tipos de conhecimento: o empírico, o filosófico, o teológico e o científico. A seguir, vamos estudar cada um deles.

### CONHECIMENTO EMPÍRICO

É também chamado de *conhecimento prático, popular, vulgar* ou *senso comum*. É o conhecimento obtido pelo acaso, pelas diversas tentativas de acertos e erros, independente de estudos, de pesquisas ou de aplicações de métodos. É o nível mais elementar do conhecimento, baseado em observações sobre a vida diária, fundamentado em experiências vivenciadas e transmitidas de pessoa para pessoa. É um saber subjetivo, construído com base em experiências subjetivas. Um exemplo bem simples é o conhecimento sobre o uso de plantas na cura de determinadas doenças. É um conhecimento adquirido pela experiência, transmitido de geração para geração através da educação e da imitação.

### CONHECIMENTO FILOSÓFICO

Compreende os estudos da relação do homem com todo o Universo (aquilo que se conhece e o que é, ainda, um mistério). Baseia-se no uso da razão para chegar a conclusões ou hipóteses sobre as coisas. Abrange os estudos sobre ética, estética, lógica e política, procurando compreender a realidade em seu contexto mais universal.

1

*Para Cervo e Bervian (2002), a base do conhecimento filosófico é a reflexão. Através dessa faculdade, o homem passa a entender o sentido da vida e do Universo. É valorativo, pois parte de hipóteses que não poderão ser submetidas à observação. Por isso, não é verificável, visto que tais hipóteses não podem ser confirmadas nem refutadas.*

## CONHECIMENTO TEOLÓGICO

Está relacionado com a fé e a crença divina. É, portanto, “produto de intelecto do ser humano que recai sobre a fé” (CERVO; BERVIAN, 2002, p. 8). Esse conhecimento se manifesta diante do mistério ou de algo oculto, o que provoca curiosidade, estimulando a vontade de entender aquilo que é desconhecido. Apoia-se em fundamentos sagrados, portanto, valorativos. É um conhecimento sistemático, ou seja, tem origem, significado, finalidade e destino. Para que você compreenda melhor o que é um conhecimento teológico, pense naquilo que entendemos como “obra de Deus”. A obra tem origem, significado, finalidade e destino, e, embora esse conhecimento não seja verificável, é indiscutível.

## CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Foco desta disciplina, o conhecimento científico diferencia-se dos outros tipos de conhecimento (o empírico, o filosófico e o teológico), fundamentalmente, pela preocupação que o pesquisador tem de “conhecer além do fenômeno”. O conhecimento científico resulta, portanto, de uma investigação metódica e sistemática da realidade, em que se busca compreender as causas dos fatos e as leis que os regem. Possui a característica de verificabilidade, isto é, suas hipóteses podem ser comprovadas. É um conhecimento falível, porque não é definitivo, absoluto e final, já que está em constante renovação e construção. Segundo Galliano (1979), o conhecimento científico:

- a) atém-se aos fatos, isto é, procura desvendar a realidade dos fatos. É através deles que o pesquisador inicia e termina sua investigação. Portanto, parte dos fatos, interfere neles e retorna a eles;
- b) transcende os fatos, isto é, além de explicar os fatos, busca descobrir suas relações com outros fatos, ampliando o conhecimento;

- c) é analítico, isto é, estuda, explica e analisa os fatos, decompondo-os em partes. A análise tem como objetivo desvendar os elementos que os compõem e as inter-relações que formam o todo;
- d) requer exatidão e clareza, condições indispensáveis para a comprovação e verificação dos dados;
- e) é comunicável, pois seu propósito é informar. Deve ser compartilhado não só com a comunidade científica, mas com a sociedade como um todo;
- f) é verificável, isto quer dizer que é preciso comprovação dos fatos para se tornar verdadeiro;
- g) depende de investigação metódica, seguindo etapas, normas e técnicas, portanto, obedecendo a um método;
- h) é sistemático, isto é, “é constituído de um sistema de ideias interligadas logicamente”;
- i) é explicativo, pois busca explicar os fatos reais, dando respostas aos porquês! A explicação científica não descreve somente o fato, mas procura explicar as razões da existência dos fatos;
- j) é aberto e cumulativo, pois permite constantes aprimoramentos e novas descobertas. O autor faz uma analogia com os organismos vivos, que estão em permanente crescimento e modificação. É aberto, porque não existem barreiras que o limitam;
- k) é útil, pois proporciona ao homem um instrumento valioso para o domínio da natureza e a reforma da sociedade, em benefício do próprio homem.

Veja no Quadro 1 as características que sintetizam os quatro tipos de conhecimento:

CONHECIMENTO POPULAR	CONHECIMENTO CIENTÍFICO
Valorativo	Real (factual)
Reflexivo	Contingente
Assistemático	Sistemático
Subjetivo	Verificavel
Verificavel	Falível
Falível	Aproximadamente exato
Inexato	

CONHECIMENTO FILISÓFICO	CONHECIMENTO TEOLÓGICO
Valorativo	Valorativo
Racional	Inspiracional
Sistemático	Sistemático
Não verificável	Não verificável
Infalível	Infalível
Exato	Exato

Quadro 1 – Características dos quatro tipos de conhecimento. Fonte: Adaptado de Lakatos e Marconi (2000, p 18-20).



## QUESTÕES PARA DISCUSSÃO

É importante que você reflita sobre os assuntos discutidos até o momento! Um exercício muito interessante é procurar associar a teoria que foi aqui apresentada com a sua realidade. Para isso, busque verificar exemplos de conhecimentos de senso comum, teológicos, filosóficos e científicos expressados no seu cotidiano, na sua vida familiar e na sua profissão, por meio da leitura de jornais, revistas e pela sua análise do que é veiculado no rádio, na televisão, etc. Observe, analise e prepare-se para discutir esta temática com os seus colegas! Aguardaremos pela sua opinião no AVEA desta disciplina. Entre em contato com o seu tutor para saber como e quando participar do chat que abordará esta temática. E não esqueça: sua participação é fundamental para que, juntos, possamos seguir na construção desta disciplina.

## CIÊNCIA

Agora que você já sabe que o conhecimento pode ser obtido de diversas maneiras – por imitação; por meio da experiência pessoal, por tudo o que adquirimos via educação informal (o conhecimento transmitido pelos nossos antepassados, pela lógica, pela fé e pela crença); e, inclusive, por meio da educação formal, através da objetividade e da evidência dos fatos – você já está preparado para compreender o que é ciência!

A palavra ciência se origina do latim *scientia*, e significa aprender ou conhecer. No entanto, esta explicação **etimológica**<sup>1</sup> não ajuda a diferenciar o conhecimento científico dos outros tipos de conhecimento (religioso, filosófico, familiar, etc.). É preciso deixar bem claro que **ciência é um conhecimento especial sobre a realidade**. Para Galliano (1979, p. 16), ciência “é o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade”.

<sup>1</sup> Relativo à **etimologia**: área da gramática que se ocupa do estudo da origem histórica das palavras.

Segundo Köche (1997), o que leva o homem a produzir ciência é a busca por respostas para os problemas que o levam à compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca.

*Dessa maneira, o papel das ciências é:*

- *aumentar e melhorar o conhecimento da realidade;*
- *descobrir novos fatos e fenômenos;*
- *analisar e explicar os fenômenos “misteriosos”, como falsos milagres, a levitação, etc;*
- *melhorar a qualidade de vida do homem, como, por exemplo, suprimir a fome, diminuir o sofrimento, eliminar doenças, facilitar o trabalho através das inovações tecnológicas, entre outros,*
- *estabelecer controles sobre o ambiente físico, sobre o homem, animais e vegetais.*

A ciência baseia-se no conhecimento científico, portanto, objetivo. No entanto, é preciso entender que existem áreas do conhecimento que, mesmo não sendo objetivas, são racionais, sistemáticas e verificáveis, como é o caso da lógica formal e da matemática. Por outro lado, existem disciplinas que trabalham com os fatos, com objetos materiais, empíricos. Essa diferenciação entre as áreas do conhecimento, considerando seus objetos de estudo, métodos e critérios de investigação, levou os estudiosos a criar a primeira grande divisão e classificação das ciências em **ciências formais** e **ciências factuais**.

## CIÊNCIAS FORMAIS

São aquelas que tratam de “ideais, seu método é a dedução, e o critério de verdade é a consistência ou não contradição de seus enunciados” (ASTI VERA, 1974, p. 12). Não tratam, assim, de objetos empíricos, de coisas, nem de processos. Os cientistas formais preocupam-se com coisas abstratas, com símbolos que só existem na mente humana, como a noção de número, por exemplo. Ela só existe no nosso cérebro, no plano conceitual. As ciências formais também são chamadas de *ciências não empíricas*, já que suas proposições são comprovadas sem que se recorra à experimentação.

## CIÊNCIAS FACTUAIS

São “materiais, seu método é a observação e a experimentação e seu critério de verdade é a verificação” (ASTI VERA, 1974, p. 12). Também são chamadas de *ciências empíricas*, pois se definem pela comprovação e pela verificação dos fatos e acontecimentos do mundo que nos rodeia. Suas análises caracterizam-se, portanto, pelo emprego de símbolos interpretados. As ciências fáticas classificam-se em:

- ciências naturais: física, química, biologia, entre outras;
- ciências sociais: sociologia, ciência política, direito, economia, história, entre outras.

Seguindo a discussão sobre o que é ciência, começamos agora a estudar o que é metodologia e o que é pesquisa.

## 1.2 O QUE É METODOLOGIA E O QUE É PESQUISA

O termo “metodologia” significa o estudo do método. No entanto, dependendo da sua utilização, a palavra metodologia tem dois significados totalmente distintos:

- um ramo da pedagogia, que tem por preocupação o estudo dos métodos mais adequados para a transmissão do conhecimento;
- um ramo da metodologia científica e da pesquisa, que tem por preocupação o estudo analítico e crítico dos métodos de investigação. Trabalharemos, nesta disciplina, com esse segundo significado.

A palavra “metodologia” é utilizada no meio acadêmico de forma errônea e equivocada. Comumente, compreende-se a metodologia como um conjunto de regras que tratam da apresentação de um trabalho científico, isto é, da forma e do formato, que envolve o tamanho das margens, o tipo de letra, o espaço de entrelinhas, a numera-

ção de seções, a colocação dos títulos das seções primárias, secundárias, entre outros. É preciso deixar bem claro que isso não é metodologia! Isso se trata de padronização e uniformização na apresentação de trabalhos científicos. Por exemplo, as regras gerais de apresentação de projetos de pesquisa (NBR 15287, de 2005), do Trabalho de Conclusão de Curso (NBR 14724, de 2005), de artigos científicos (NBR 6022, de 2003) são determinadas pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). A ABNT é um Fórum Nacional de Normalização, “responsável pela elaboração das normas brasileiras de caráter voluntário”.



#### LINK

Visite os endereços a seguir e busque compreender qual é o papel da ABNT no Brasil:

<http://www.normalizacao.cni.org.br/perguntas.htm>

<http://www.abnt.org.br/default.asp?resolucao=1024X768>



Acesso em: 24 jul. 2007.

A outra forma equivocada de se utilizar a palavra “metodologia” é empregá-la como um conjunto de regras fixas sobre como fazer uma pesquisa. Esta forma de pensar leva à compreensão de que todas as pesquisas são desenvolvidas da mesma maneira, seguindo sempre os mesmos passos. No entanto, cada pesquisa, dependendo do tema e do problema de estudo, segue um caminho que lhe é específico. Existem, sim, momentos ou etapas que são comuns a todas as pesquisas: toda pesquisa inicia-se com um planejamento, segue por uma etapa de execução e, por fim, encerra-se com a comunicação dos resultados. Entretanto, lembre-se: cada investigação segue seu próprio caminho!

Depois dessas considerações, partimos, agora, para a discussão acerca da diferença entre “método” e “técnica”. A diferença entre estes termos está na [semântica](#)<sup>2</sup>. “Método” é um procedimento, ou melhor, um conjunto de processos necessários para se alcançarem os fins de uma investigação. É o procedimento geral; o caminho percorrido em uma investigação. Vejamos o que é o método em

<sup>2</sup> Estudo da linguagem humana do ponto de vista do significado das palavras e dos enunciados.

ciências. Seguem

alguns conceitos retirados da literatura disponível em Referências:

- a) Segundo Hegenberg (apud LAKATOS; MARCONI, 1995), “método” é o caminho pelo qual se chega a determinado resultado, ainda que esse caminho não tenha sido fixado de antemão, reflexiva e deliberadamente.
- b) Para Trujillo Ferrari (1982, p. 24), “método” é a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência, os métodos constituem os instrumentos básicos que, de início, ordenam o pensamento em sistemas; traçam, ordenadamente, a forma de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo.

Observe que os conceitos (a) e (b) enfatizam o método como um caminho para se chegar a um fim, de forma sistemática e ordenada.

- c) Em sentido mais geral, dizem Cervo e Bervian (2002, p. 23), o método “é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado”.

Analisando esses conceitos, você pode perceber que os autores afirmam que “método” é o caminho a seguir para se chegar à verdade nas ciências, e que não há conhecimento válido sem procedimentos ordenados e racionais.

- d) Para Bunge (1980, p. 19), “método é um procedimento regular, explícito e passível de ser repetido para se conseguir alguma coisa, seja material ou conceitual”.

Nesse conceito, o autor chama a atenção para a regularidade e a repetição de procedimentos científicos.

- e) E, mencionando novamente Cervo e Bervian (2002, p. 26), temos que “método se concretiza como o conjunto das diversas etapas ou passos que devem ser dados para a realização da pesquisa”.

Esses passos, citados por Cervo e Bervian (2002, p. 26), são o que chamamos de “técnicas”. Por isso, “técnica” é um meio auxiliar da pesquisa, um instrumento específico, subordinado ao método.

Depois de termos visto conceitos sobre metodologia e a diferença entre método e técnica, partiremos agora para o entendimento do segundo conceito que compõe o nome desta disciplina: PESQUISA.

*“Pesquisa” é a atividade básica da ciência e tem como finalidade descobrir respostas para as indagações do homem. Tem, portanto, a finalidade de solucionar problemas teóricos e/ou práticos.*

Essencialmente, a pesquisa visa à produção de conhecimento novo. Assim, a METODOLOGIA DA PESQUISA tem como tarefa identificar e analisar os “recursos metodológicos, assinalar suas limitações, explicitar seus pressupostos e as consequências do seu emprego”, diz Asti Vera (1974, p. 7).



#### SAIBA MAIS

Você pode saber um pouco mais sobre conhecimento, ciência, metodologia e pesquisa, recorrendo às referências colocadas a seguir:

DEMO, Pedro. *Introdução à metodologia da ciência*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Fundamentos de metodologia científica*. 2. ed. ver. ampl. São Paulo: Atlas, 1990.

LUCKESI, Carlos et al. *Fazer universidade: uma proposta metodológica*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

POPPER, Karl Rudolf. *A lógica da pesquisa científica*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1975.

Mais especificamente, sobre métodos (dedução, observação, experimentação, etc), sugerimos a leitura de:

BUNGE, Mario. *Epistemologia*. São Paulo: EDUSP, 1980.



## RESUMO DA UNIDADE

O conhecimento é obtido de diversas maneiras, por imitação, por meio da experiência pessoal ou através do conhecimento adquirido pela educação informal, transmitido pelos nossos antepassados, pela lógica, pela fé, pela crença e, também, pela objetividade e evidência dos fatos. O conhecimento científico exige formulações exatas e claras, pois requer que as hipóteses sejam verificadas antes de as aceitarmos como verdadeiras. Ciência é o conhecimento racional, sistemático, exato e verificável da realidade. O conhecimento científico depende de investigação metódica da realidade, por isso emprega procedimentos e técnicas para alcançar resultados.

## REFERÊNCIAS

- ASTI VERA, Armando. **Metodologia da pesquisa científica**. Porto Alegre: Globo, 1974.
- BUNGE, Mário. **Epistemologia**: curso de atualização. São Paulo: T. A. Queiroz/EDUSP, 1980.
- CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Prentice Hall, 2002.
- GALLIANO, Guilherme. **O método científico**: teoria e prática. São Paulo: Mosaico, 1979.
- KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e prática da pesquisa. 14.ed. ver. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.
- Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo, 1995.
- TRUJILLO FERRARI, Alonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1982.

# Unidade 2

## Fontes de Informação

Conhecer o que são fontes de informação é muito útil para as pessoas interessadas em saber como se faz uma comunicação científica adequada e, também, para se saber qual é o papel que os diferentes tipos de documentos representam no universo da pesquisa.

A publicação dos resultados das pesquisas realizadas depende de um sistema de comunicação que compreende canais formais e informais. Desta forma, segundo Salomon (2004, p. 309), “canais são os meios utilizados tanto para comunicar resultados como para obter informações”. Esses canais de informação podem ser divididos em:

- canais formais: publicações com divulgação mais ampla, como periódicos e livros;
- canais informais: comunicações de caráter mais pessoal (ou que se referem à pesquisa ainda não concluída), como comunicação de pesquisa em andamento e certos trabalhos em congressos.

Assim, toda pesquisa envolve atividades diversas de comunicação. No entanto, não esqueça, uma pesquisa significativa deve produzir ao menos uma publicação formal.



## 2.1 CONCEITOS E CLASSIFICAÇÕES

Ao longo do processo de pesquisa, são produzidos documentos, também denominados “fontes”, que podem ser classificados em: fontes de primeira mão (ou primárias), fontes de segunda mão (ou secundárias) e fontes terciárias. Vejamos, a seguir, seus conceitos:

- a) Fonte: é o lugar onde se encontra material sobre determinado tema.
- b) Fontes de primeira mão – são as fontes originais: aquelas que contêm informações originais ou, pelo menos, novas interpretações de fatos ou ideias já conhecidas, dispersas e desorganizadas do ponto de vista da produção, divulgação e controle.
- c) Fontes de segunda mão: são aquelas que facilitam o uso do conhecimento disperso nas fontes primárias. Apresentam a informação filtrada e organizada de acordo com um arranjo definido, dependendo de sua finalidade.
- d) Fontes terciárias: guiam os usuários para as fontes primárias e secundárias (referenciais) (SALOMON, 2004).

Nas tabelas a seguir, figuram exemplos de fontes primárias, secundárias e terciárias, conforme Santos (2003).



FONTES PRIMÁRIAS	
Congressos e conferências	Periódicos
Legislação	Projetos de pesquisa em andamento
Nomes e marcas comerciais	Relatórios técnicos
Normas técnicas	Teses e dissertações
Patentes	Traduções

FONTES SECUNDÁRIAS	
Bases de dados e bancos de dados	Feiras e exposições
Bibliografias e índices	Filmes e vídeos
Biografias	Fontes históricas
Catálogos de bibliotecas	Livros e manuais
Centros de pesquisa e laboratórios	Siglas e abreviaturas
Dicionários e enciclopédias	Internet
Dicionários bilíngues e multilíngues	Museus, arquivos e coleções científicas
FONTES TERCIÁRIAS	
Bibliografias	Guias de literatura
Serviços de indexação e resumos	Bibliografias de bibliografias
Catálogos coletivos	Bibliotecas e centros de informação

Agora, vejamos os conceitos de algumas fontes de informação, segundo Gil (2002), Tashisawa (2004) e Campello (2003).

**Anais de encontros científicos:** reunião de trabalhos apresentados em congressos, seminários, simpósios e fóruns.

**Periódicos de indexação e resumos:** obras que listam trabalhos produzidos em determinada área do conhecimento. Muitos deles são veiculados eletronicamente por base de dados. Podem ser:

**Índices:** listam apenas as referências bibliográficas;

**Abstracts:** incluem os resumos das publicações.

**Literatura cinzenta:** documentos não convencionais, produzidos no âmbito governamental, acadêmico, comercial e industrial.

**Traduções:** processo de converter uma linguagem em outra. Muito utilizada na comunicação da pesquisa científica e tecnológica, pois há uma pressão muito grande da “academia” para que os cientistas publiquem em revistas de prestígio internacional, que são geralmente em língua inglesa.

**Relatórios técnicos:** comunicação técnica; utilizados nas instituições onde foram gerados.

**Publicações governamentais:** divulgam atividades dos governos.

**Normas técnicas:** documento que reflete a consolidação de uma tecnologia, específica projetos.

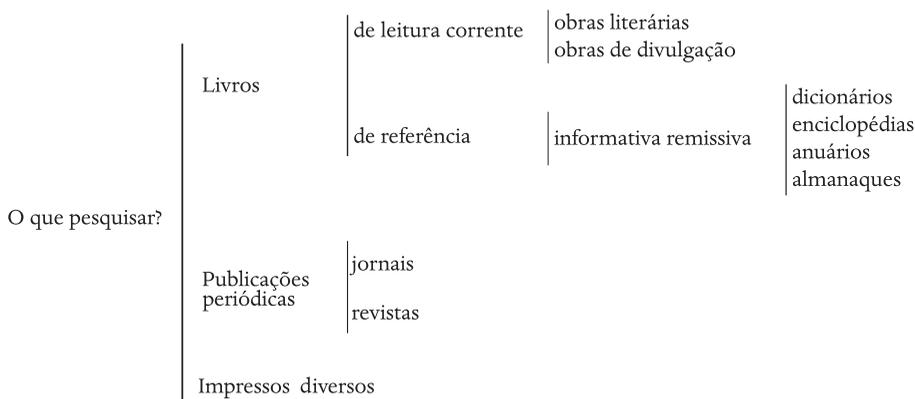
**Patentes:** documento legal destinado a proteger a invenção.

**Revisão de literatura:** revisão de estudos que analisam a produção bibliográfica em determinada área, dentro de um recorte de tempo.

**Índices de citação:** reconhecimento que um documento recebe sobre outro.

*É necessário analisar as fontes, não apenas com precisão, mas criticamente. Uma boa fonte vale mais do que várias fontes deficientes. Um resumo precisa de uma boa fonte e pode valer mais do que a própria fonte.*

Outra classificação para fontes bibliográficas encontrada na literatura é a de Gil (2002), como figura no Quadro 10:



**Quadro 10** - Fontes bibliográficas.  
Fonte: GIL (2002).

## 2.2 CRITÉRIOS PARA SELEÇÃO DE MATERIAL

Estamos vivenciando um período de transição na forma de comunicação científica: a transição entre um sistema tradicional de publicação para um sistema inovador, o sistema de publicação eletrônica. Dessa forma, não podemos deixar de abordar alguns critérios para seleção de material *on-line*, como apresentamos no Quadro 11.

CATEGORIA	INDICADORES DE QUALIDADE
1. Qualidade	a) Fonte, b) Contexto, c) Atualização, d) Pertinência / Utilidade, e) Processo de revisão editorial.
2. Conteúdo	a) Acurácia, b) Hierarquia de evidências, c) Precisão das fontes, d) Avisos institucionais, e) Competência.
3. Apresentação de site	a) Objetivo, b) Perfil do site.
4. Links	a) Seleção, b) Arquitetura, c) Conteúdo, d) Links de retorno.
5. Design	a) Acessibilidade, b) Navegabilidade, c) Mecanismo de busca interna.
6. Interatividade	a) Mecanismo de retorno de informação, b) Fórum de discussão, c) Explicitação de algoritmos.
7. Anúncios	a) Alertas.

Quadro 11 - Critérios para seleção de material didático.  
Fonte: LOPES (2004).

Então, é sempre bom lembrar, devemos prestar atenção na credibilidade da informação, na atualização, nos domínios, nos critérios de conteúdo e na relevância, como ressaltado a seguir.

### CREDIBILIDADE DA INFORMAÇÃO:

Verificar a fonte de informação, como o primeiro indicador para estabelecer a credibilidade, visualizando a logomarca e o nome da instituição ou do responsável pela informação, assim como o nome e a titulação do autor. Por este critério, devem ser

registrados os componentes de atualidade da informação, da relevância e, ainda, o processo de revisão editorial nos textos disseminados na *web*.

## ATUALIZAÇÃO:

Verificar quando a página foi criada e atualizada. Lembre-se de que uma página recentemente atualizada não significa que contenha, necessariamente, informação recente. Você pode concluir se um *site* tem data recente se todos os *links* estiverem funcionando; mas, se tiver mais de dois anos, você poderá ter problemas.

## DOMÍNIOS:

Entenda o que as suas extensões significam.

.com – *site* comercial. Cuidado com a linguagem de propaganda. Podem estar tentando vender algo!

.edu – *site* acadêmico. Cuidado, assim como pode ser o *site* de um professor renomado, também pode ser o *site* de um aluno iniciante!

.gov – *site* do governo ou seus afiliados. Geralmente as informações são válidas e fidedignas.

.org – domínio usado por ONGs com interesse público ou grupos religiosos, etc. Geralmente, os *sites* apresentam pontos de vista em favor das organizações que representam.

Muitas organizações publicam seus relatórios em seus *websites*. Por um lado, são valiosas fontes de informação, mas podem ser tendenciosas. Verifique a missão ou perfil da instituição. Faça uma pequena pesquisa sobre o líder dessa organização, o que e a quem atinge, etc.

## CRITÉRIOS DE CONTEÚDO

- Precisão e acurácia da informação, hierarquia de evidência, quadros de avisos descrevendo as limitações, objetivos, cobertura, autoridade e atualidade da informação, etc.

- 
- Você deve comparar com outras fontes, procurando por contradições, verificando se existem citações ou bibliografia, se estão citadas corretamente, e, finalmente, se existem explicações sobre os métodos de coleta de dados e materiais consultados.

## RELEVÂNCIA

- Determine o quanto é muito ou pouco para seu assunto, o que está diretamente relacionado ao seu tópico de pesquisa e o que é mais periférico.
- Na fase inicial da pesquisa, explore bastante para não deixar aspectos importantes fora do seu roteiro.
- À medida que você vai delimitando o assunto, ele se tornará mais específico, e menos itens serão relevantes. Você deve ir “afunilando” sua pesquisa. Conteúdos não têm significado a menos que você decida sobre sua importância. A informação que você tem pode ser geral ou específica; sendo assim, verifique quais conteúdos são realmente importantes para seu trabalho.

*Outros fatores, ainda, que influenciam na qualidade da informação:*

- *informação apresentada de forma objetiva, ou seja, se a proposta inicial da página confere com o que de fato está sendo apresentado;*
- *página bem organizada e de fácil navegação. Se a informação é excelente mas ninguém consegue achá-la, qual é a utilidade dessa informação?*
- *E, por fim, página estável. Ainda que possa ser difícil determinar quanto tempo uma página está e ficará na web, isso deve ser levado em consideração.*



Como material extra, referente às fontes de informação, consulte os *links* a seguir:

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. ESCOLA TÉCNICA. Disponível em: [http://www.escolatecnica.ufrgs.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=135&Itemid=120](http://www.escolatecnica.ufrgs.br/index.php?option=com_content&task=view&id=135&Itemid=120). Acesso em: 26 jun. 2007.



INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Disponível em: <http://www.ibict.br/cienciadainformacao/viewarticle.php?id=54&layout=html>. Acesso em: 26 jun. 2007.

MACHADO, Jorge A. Como Pesquisar na Internet : Métodos, Técnicas e Procedimentos Gerais. 2004. Disponível em: [http://www.forum-global.de/curso/textos/pesquisar\\_na\\_internet.htm](http://www.forum-global.de/curso/textos/pesquisar_na_internet.htm). Acesso em: 22 jun. 2007.



## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade, foram apresentados os canais formais e informais de comunicação em pesquisa científica. Foram conceituadas as fontes de informação bibliográfica e sua utilização, bem como foi ressaltada a importância do uso de fontes bibliográficas disponíveis *on-line*. Em relação às fontes de informação bibliográficas *on-line*, é importante que você sempre verifique a credibilidade e o conteúdo dessas fontes, selecionando aquelas que estão vinculadas a instituições reconhecidas de ensino e pesquisa, assim como a qualidade das referências utilizadas.

## REFERÊNCIAS



GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LOPES, Ilza Leite. Novos paradigmas para avaliação da qualidade da informação em saúde recuperada na Web. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 81-90, jan./abril 2004.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 14. ed. Porto: Afrontamento, 2003.

SALOMON, Délcia Vieira. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TACHIZAWA, T; MENDES, G. **Como fazer uma monografia na prática**. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

# Unidade 3

## Tipos de Pesquisa

O que leva o homem a produzir ciência é a busca pela compreensão dos fatos e eventos que nos norteiam. Vimos na unidade anterior que a ciência se baseia no conhecimento científico; que o conhecimento científico resulta de uma investigação metódica e sistemática da realidade; que “metodologia” significa o estudo do método; e que a pesquisa visa à produção de conhecimento novo.

Veremos, nesta unidade, que a pesquisa científica é classificada conforme tipologias distintas. As variáveis de classificação, utilizadas pelos autores da área para o estabelecimento de tipos distintos de pesquisa, serão agora abordadas. Leia tudo muito atentamente, procure por informações complementares a que expomos nesta unidade. Aguardaremos pelas suas interações no nosso AVEA. Bom trabalho!



## 3.1 A PRIMEIRA GRANDE DIVISÃO

Como você pôde constatar na Unidade 1, a pesquisa tem por finalidade tentar conhecer e explicar os fenômenos que ocorrem no mundo. Por isso, a pesquisa sempre se inicia com uma interrogação, com uma grande pergunta que estimula seu começo. Essa pergunta, explica Trujillo Ferrari (1982, p. 168), “destina-se a duas finalidades mais amplas que a simples procura de respostas”. Essas finalidades estão: a) vinculadas ao enriquecimento teórico das ciências; e b) relacionadas com o valor prático ou pragmático.

*Essa primeira divisão trouxe a especificação de pesquisa científica pura e de pesquisa científica aplicada. As duas possuem as mesmas metas científicas e estão relacionadas com as hipóteses, com problema de pesquisa ou questão norteadora. Porém, a diferença básica está nos métodos, no olhar do pesquisador e nos resultados da investigação.*

A *pesquisa científica pura*, também chamada de teórica ou básica, “permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento”, diz Minayo (2002, p. 52). Objetiva, portanto, “criar novas questões num processo de incorporação e superação daquilo que já se encontra produzido” (p. 52).

Na concepção de Trujillo Ferrari (1982), a pesquisa teórica procura melhorar o próprio conhecimento. Isso significa contribuir, entender e explicar os fenômenos. Desta forma, na pesquisa teórica, os pesquisadores trabalham para gerar novas teorias. Roesch (1999, p. 65) dá alguns exemplos de questões de pesquisa teórica em ciências sociais:

- Qual é a natureza da cultura?
- Como ela emerge?
- Como ela é transmitida?
- Por que os indivíduos se comportam de determinada forma?
- Quais são as estruturas e qual é o processo da organização social humana?

A *pesquisa científica aplicada*, por sua vez, tem como finalidade gerar soluções aos problemas humanos, entender como lidar com um problema. Trujillo Ferrari (1982, p. 171) enfatiza que “não obstante a finalidade prática da pesquisa, ela pode contribuir teoricamente com novos fatos para o planejamento de novas pesquisas ou mesmo para a compreensão teórica de certos setores do conhecimento”. Observe alguns exemplos de indagações de pesquisa aplicada:

- a) Qual é a relação existente entre a capacidade produtiva de um setor de uma fábrica e a quantidade de colaboradores que atuam no setor?
- b) Qual o impacto do prejuízo líquido na distribuição de dividendos de uma organização?
- c) Do ponto de vista do usuário externo, qual a diferença entre uma empresa que divulga o balanço social e as que não divulgam?

*É importante que você compreenda que este tipo de pesquisa aplicada tem um referencial teórico como base para analisar a realidade a ser estudada. As realidades a serem estudadas podem ser uma ou mais organizações (públicas, privadas, prestadoras de serviço, industriais, não governamentais, fundações, OSCIPs, entre outras), uma pessoa ou um grupo de pessoas, um programa ou um projeto que está sendo desenvolvido em uma organização, entre muitas outras situações que ocorrem nas organizações.*

Após essas explicações iniciais e entendida a primeira diferença entre pesquisa teórica e pesquisa aplicada, teremos um panorama sobre os tipos de pesquisas e suas classificações. Gil (2002) classifica a pesquisa quanto aos objetivos, a abordagem e os procedimentos.

## **3.2 A PESQUISA – DO PONTO DE VISTA DOS OBJETIVOS**

Segundo Gil (2002), três tipos de pesquisas podem ser definidas em relação aos “objetivos”. Conforme a finalidade que as pesquisas apresentam, elas podem ser classificadas como exploratórias, descritivas e explicativas. Vamos, então, à exposição dos conceitos propostos por esse autor.

## PESQUISA EXPLORATÓRIA:

Tem a finalidade de ampliar o conhecimento a respeito de um determinado problema. Segundo o autor, nesse tipo de pesquisa, aparentemente simples, explora-se a realidade, buscando maior conhecimento, para, depois, dar início ao planejamento de uma pesquisa descritiva.

### EXEMPLO DE PESQUISA EXPLORATÓRIA:

- Identificação da viabilidade da implantação de serviços virtuais em uma empresa contábil, na perspectiva das condições financeiras de seus clientes.

## PESQUISA DESCRITIVA:

Procura-se conhecer a realidade estudada, suas características, seus problemas. É um tipo de pesquisa em que se pretende “descrever com *exatidão* os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 100, grifo do autor).

### EXEMPLOS DE PESQUISAS DESCRITIVAS:

- Estudo da distribuição, de uma população X, por idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, estado de saúde física e mental, etc.
- Estudo do nível de atendimento de órgãos públicos a uma comunidade, índice de criminalidade, habitação, etc.
- Identificação do perfil empreendedor dos egressos de 2000 dos cursos de Ciências Contábeis das universidades federais.

## PESQUISA EXPLICATIVA:

É aquela centrada na preocupação em identificar fatores determinantes ou em contribuir para o desencadeamento dos fenômenos e explicar a razão pela qual se dá uma ocorrência social ou natural. No campo social, a complexidade aumenta a partir da temporalidade do fenômeno. Também é importante situar o ambiente social de ocorrência. Portanto, a realidade tempo-espço é fundamental na identificação de causa e efeito do evento social. Os procedimentos básicos são: registrar, classificar, identificar e aprofundar a análise.

### EXEMPLOS DE PESQUISA EXPLICATIVA:

- Uma empresa, atendendo a dispositivos legais, deve publicar seu balanço anual na imprensa. Como se trata de um documento demonstrativo técnico, esse tipo de informação pode se tornar inacessível à compreensão da maioria dos leitores, principalmente, àqueles que fazem investimentos no mercado acionário. Então, junto ao balanço, textos explicativos sobre as principais operações e resultados da empresa são publicados com a finalidade de tornar mais clara a informação veiculada.
- Identificação dos efeitos da aplicação da Teoria das Restrições nos custos de transformação de um setor produtivo de uma empresa industrial.

## 3.3 A PESQUISA – DO PONTO DE VISTA DA ABORDAGEM

Vieira (1996), quanto à abordagem, classifica as pesquisas em qualitativas e quantitativas.

### PESQUISA QUALITATIVA

Para o autor, a **pesquisa qualitativa** pode ser definida como aquela que se fundamenta, principalmente, em análises qualitativas, caracterizando-se, em princípio, pela não utilização de um instrumental estatístico para a análise dos dados. Esse tipo de análise tem por base conhecimentos teórico-empíricos que permitem atribuir cientificidade à pesquisa.

#### EXEMPLO DE PESQUISA QUALITATIVA:

- Análise dos reflexos da utilização dos demonstrativos contábeis no processo de gestão de uma entidade sem fins lucrativos.

### PESQUISA QUANTITATIVA

A **pesquisa quantitativa** é aquela que se caracteriza pelo emprego de instrumentos estatísticos, tanto na coleta como no tratamento dos dados. A pesquisa quantitativa tem como finalidade medir relações entre as variáveis. No estudo quantitativo, o pesquisador parte de um plano preestabelecido com hipóteses e variáveis claramente definidas e procura medir e quantificar os resultados da investigação, elaborando-os em dados estatísticos.

## EXEMPLOS DE PESQUISA QUANTITATIVA:

- Perfil dos consumidores de cerveja sem álcool, por meio da análise de sua distribuição em relação a sexo, faixa etária, nível educacional, nível socioeconômico, preferências e localização.
- Preferência dos eleitores para o cargo de presidência da república.
- Estudo sobre os principais controles de ativos e passivos ambientais, utilizados pelas empresas brasileiras certificadas pela ISO 14.000.

No entanto, frequentemente, encontramos análises quantitativas como fundamento de análises qualitativas. Para Vieira (1996, p. 66), “o raciocínio e a argumentação na análise qualitativa são baseados na variedade de técnicas usadas no modo qualitativo”. O autor argumenta “que é essencial se conceituar o método qualitativo e o método quantitativo não como uma dicotomia, mas um *continuum*, como um método misto, representando um ponto intermediário da escala”.



### PALAVRA DO PROFESSOR

Você verá, mais adiante, no AVEA, que estes conceitos serão aprofundados.

## 3.4 A PESQUISA – DO PONTO DE VISTA DOS PROCEDIMENTOS

A classificação quanto aos procedimentos refere-se aos aspectos materiais da pesquisa e diz respeito à realização da coleta e ao tratamento dos dados (GIL, 2002). Para o autor, quanto aos procedimentos, as pesquisas classificam-se em:

### PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:

Pesquisa feita com uso exclusivo de fontes bibliográficas. A principal vantagem deste tipo de pesquisa é permitir ao pesquisador a cobertura mais ampla de uma temática. Talvez até mais ampla do que se ele fosse pesquisá-la diretamente. É relevante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos. A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente por

livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. Boa parte dos estudos exploratórios pode ser definida como pesquisa bibliográfica. As pesquisas sobre ideologias, bem como aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase que exclusivamente mediante fontes bibliográficas.

### **EXEMPLO DE PESQUISA BIBLIOGRÁFICA:**

- Estudos históricos. Procura-se cotejar dados e informações para detectar possíveis incoerências ou contradições.

### **PESQUISA DOCUMENTAL:**

A pesquisa documental assemelha-se muito à pesquisa bibliográfica. A diferença essencial entre ambas está na natureza das fontes. Enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado assunto, a pesquisa documental vale-se de materiais que ainda não receberam um tratamento analítico ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa. O desenvolvimento da pesquisa documental segue os mesmos passos da pesquisa bibliográfica. Apenas cabe considerar que, enquanto na pesquisa bibliográfica as fontes são constituídas sobretudo por material impresso localizado nas bibliotecas, na pesquisa documental, as fontes são muito mais diversificadas e dispersas.

### **EXEMPLO DE PESQUISA DOCUMENTAL:**

- Pesquisa em órgãos públicos, igrejas, sindicatos, etc. Pode-se realizar uma pesquisa em arquivos de contabilidade sobre o perfil patrimonial de determinadas empresas.

### **PESQUISA EXPERIMENTAL:**

Esse tipo de pesquisa determina o objeto de estudo, selecionando as variáveis de estudo. Essencialmente, a pesquisa experimental consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo e definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto.

### EXEMPLO DE PESQUISA EXPERIMENTAL:

- Definir as formas de controle e de observação dos efeitos que a variável produz no objeto: A, B e C produzem Z; A, B e D não produzem Z; B, C e D produzem Z; logo, C é condição para produção de Z.

*A pesquisa experimental é o delineamento mais prestigiado nos meios científicos, pois, nesse tipo de pesquisa, o pesquisador interfere diretamente na manipulação, no controle e na distribuição aleatória das variáveis.*

3

### PESQUISA EX-POST-FACTO:

A tradução literal da expressão ex-post-facto é “a partir do fato passado”. Isso significa que, nesse tipo de pesquisa, o estudo foi realizado após a ocorrência de variações na variável dependente no curso natural dos acontecimentos. O propósito básico desta pesquisa é o mesmo da pesquisa experimental: verificar a existência de relações entre variáveis. Seu planejamento também ocorre de forma bastante semelhante. A diferença mais importante entre as duas modalidades está no fato de que, na pesquisa *ex-post-facto*, o pesquisador não dispõe de controle sobre a variável independente, que constitui o fator presumível do fenômeno, isso porque esse fator já ocorreu. O que o pesquisador procura fazer neste tipo de pesquisa é identificar situações que se desenvolveram naturalmente e trabalhar sobre elas como se estivessem submetidas a controles.

### EXEMPLO DE PESQUISA EX-POST-FACTO:

- O levantamento sobre o número de egressos nos cursos de contabilidade numa perspectiva longitudinal no período de 1990 – 2000; não há como manipular as variáveis, dado que elas já ocorreram.

## PESQUISA PARTICIPANTE:

Interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas. Esse tipo de pesquisa envolve posições valorativas, derivadas, sobretudo, do humanismo cristão e de certas concepções marxistas. Tanto é que a pesquisa participante suscita muita simpatia entre os grupos religiosos voltados para a ação comunitária. Além disso, na pesquisa participante, o pesquisador mostra-se bastante comprometido com a minimização da relação entre dirigentes e dirigidos. Por essa razão, inclusive, esse tipo de pesquisa tem suas análises voltadas comumente para a investigação junto a grupos desfavorecidos, dentre os quais grupos constituídos por operários, camponeses, índios, etc.

### EXEMPLOS DE PESQUISA PARTICIPANTE:

- Um ou mais pesquisadores interagindo com a comunidade que irá fornecer os dados para determinado levantamento.
- Pesquisa sobre a situação social dos trabalhadores sem-terra.

## ESTUDO DE CASO:

Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos objetos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento, tarefa praticamente impossível mediante outros delineamentos já considerados. Nas ciências, durante muito tempo, o estudo de caso foi encarado como um procedimento pouco rigoroso, que serviria apenas para estudos de natureza exploratória. Hoje, porém, é encarado como o delineamento mais adequado para a investigação de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, em que os limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente percebidos.

### EXEMPLO DE ESTUDO DE CASO:

- Uma empresa, atendendo a dispositivos legais, publica o balanço na imprensa. Como se trata de um documento demonstrativo técnico, torna-se inacessível à compreensão da maioria dos leitores, notadamente naqueles que fazem investimentos no mercado acionário. Então, junto ao balanço, são colocados textos explicativos das principais operações e resultados da empresa.



## ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM

A partir do que foi abordado nesta unidade, vamos propor a realização de duas atividades específicas:

Entre no *site* da Biblioteca Universitária da UFSC (<http://www.bu.ufsc.br>) e busque três dissertações de mestrado. Caracterize, sucintamente, a metodologia de pesquisa adotada em cada uma dessas pesquisas que você selecionou. A partir da leitura dos resumos desses trabalhos, tome nota das seguintes observações: título, autor, número de referência, objetivos e dados sobre o estudo (onde ele foi feito? Quantas pessoas participaram da pesquisa? Quando ela foi realizada? O que foi analisado?). Envie suas caracterizações ao seu tutor, acrescidas das suas observações acerca dessas leituras. Disponibilizaremos um fórum permanente no AVEA desta disciplina para trocarmos nossas opiniões sobre questões e dúvidas concernentes à temática METODOLOGIA DE PESQUISA. Aguardaremos pela sua contribuição!

Bom trabalho!



## SAIBA MAIS

Sugerimos as leituras a seguir, caso você queira aprofundar seu conhecimento acerca dos tipos de pesquisa existentes:

Pesquisas científicas dos programas de mestrado e doutorado da UFSC: <http://aspro02.npd.ufsc.br/biblioteca/php/opcoes.php>.

KÖCHE, José Carlos. *Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e prática da pesquisa*. 14.ed. ver. ampl. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. *Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso*. São Paulo: Atlas, 1999.

## RESUMO DA UNIDADE

Existem vários tipos de pesquisas, segundo diversas variáveis de classificação estabelecidas pelos autores da área. Nesta unidade, foram apresentadas as três classificações de Gil (2002) e a primeira grande divisão da pesquisa – teórica e aplicada. Destas, foram identificados os tipos de pesquisas quanto aos objetivos, abordagens e procedimentos. No entanto, é importante lembrar que um tipo de pesquisa não exclui o outro e que, muitas vezes, essas metodologias de pesquisa podem (e devem!) ser complementares.

## REFERÊNCIAS

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

TRUJILLO FERRARI, Alonso. **Metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: MacGraw-Hill do Brasil, 1982.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. **A Comparative study on quality management in the Brazilian and the Scottish prison service**. Scotland: University of Edinburg. Tese (Doutorado, PhD on Business Studies). Edimburgo. 1996.

# Unidade 4

## As etapas da Pesquisa Científica

Nesta unidade, você vai conhecer o caminho percorrido pelo pesquisador para desenvolver uma pesquisa científica. Neste caminho, você terá oportunidade de: a) descobrir quais são as atividades que um pesquisador desempenha para planejar uma investigação científica; b) conhecer a dinâmica da operacionalização de uma pesquisa e, por último, c) visualizar o processo de comunicação dos resultados de uma pesquisa.

A pesquisa percorre um caminho que é constituído por três momentos intimamente relacionados, que, muitas vezes, se sobrepõem: planejamento, execução e comunicação dos resultados. Na concepção de Minayo (2002, p. 26), esses momentos são chamados de “ciclo da pesquisa, ou seja, um processo de trabalho em espiral que começa com uma dúvida, um problema, uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações”. É um caminho de mão dupla, no qual, muitas vezes, a última decisão ou atividade realizada influencia na primeira que foi escolhida.



## 4.1 O PROCESSO DE PESQUISA

No primeiro momento desse processo, a reflexão antecipada sobre o assunto a ser investigado, o tema, os objetivos do estudo, a base teórica de sustentação, os instrumentos de coleta de dados e a definição de como serão analisados os dados coletados constituem o que Minayo (2002) chama de “fase exploratória da pesquisa” e Köche (1997), de “etapa preparatória” da pesquisa. Trata-se de uma etapa em que as atividades que envolvem a investigação devem ser bem pensadas e articuladas, objetivando garantir a melhor execução do processo. Na concepção de Köche (1997, p. 121), é o momento de “traçar o curso de ação que deve ser seguido no processo de investigação científica”. As decisões tomadas nessa fase são expressas em um documento chamado “plano de pesquisa” ou “projeto de pesquisa”.

O segundo momento do ciclo de pesquisa caracteriza-se pela execução do plano ou projeto de pesquisa. É o momento em que o pesquisador entra no campo de pesquisa, “combina entrevistas, observações, levantamento de material documental, bibliográfico, instrucional, etc.” (MINAYO, 2002, p. 26). Após o levantamento dos dados, inicia-se a análise e interpretação, utilizando-se ou não de recursos computacionais, conforme a abordagem da pesquisa.

E, por fim, chega-se à terceira etapa da pesquisa: a comunicação dos resultados. Esta etapa é chamada, por Luckesi et al (1986), de “momento redacional e comunicativo”. É o momento de relatar à comunidade científica, ou à sociedade, os resultados, as dificuldades e as limitações da investigação. Os resultados de uma pesquisa podem ser expressos por meio de um trabalho de conclusão de curso ou pela publicação de um artigo científico, uma dissertação (mestrado), uma tese (doutorado), entre outras modalidades de comunicação de trabalhos científicos.



## LINK

Fique por dentro do que está acontecendo na pesquisa científica brasileira! Acesse os endereços abaixo e informe-se sobre chamadas para trabalhos, congressos, assinatura de *newsletters*, etc. Saiba sobre as temáticas pesquisadas na atualidade e aproveite para entrar no circuito da divulgação da pesquisa científica no Brasil!

<http://www.jornaldaciencia.org.br/index2.jsp>

<http://www.eac.fea.usp.br/>

<http://www.anpad.org.br/>

<http://congressodecustos.com.br/>

Acesso em: 25 out. 2007

Visualize no diagrama que segue as etapas da pesquisa.

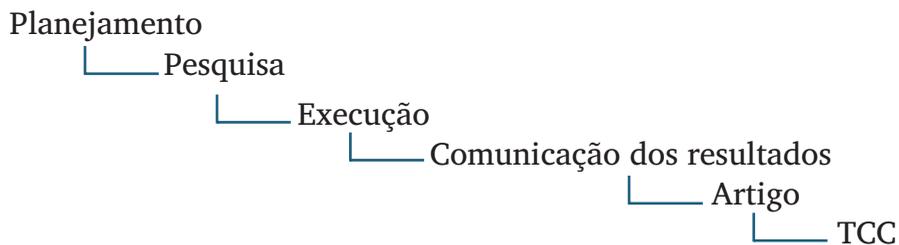


Figura 1 - As etapas da pesquisa.

É importante resgatar, nesse momento, a visão de Luckesi et al. (1986, p. 193) sobre a trajetória de uma pesquisa científica:

Os momentos dessa caminhada, os seus passos, devem ser vivenciados dinâmica e dialeticamente, nunca de forma estática como se um passo nada tivesse a ver com o outro, por isso chamamos de processo.

Assim, o processo de pesquisa consiste na definição e redefinição do tema e não acaba com a comunicação dos resultados. Ao contrário, com a divulgação da pesquisa, dá-se início, novamente, a um novo processo, com novas indagações para aprofundamento posterior.

Nas próximas três seções que compõem esta unidade, você vai conhecer mais sobre cada etapa do processo de pesquisa.

## 4.2 O PLANEJAMENTO DA PESQUISA

Nesta seção, você terá oportunidade de:

- a) descobrir como se define um tema de pesquisa;
- b) desvendar as razões que os pesquisadores possuem para fazer uma investigação científica;
- c) aprender como se problematiza um tema para pesquisa e como se constrói um objetivo e
- d) entender o processo metodológico de uma investigação.

*Você já viu que toda pesquisa tem como finalidade gerar conhecimento. Para alcançar esse objetivo é preciso planejar a investigação, decidindo:*

- a) o que pesquisar.*
- b) por que pesquisar.*
- c) para que pesquisar.*
- d) como pesquisar.*
- e) quando pesquisar.*

Essas decisões não se apresentam de forma linear, sequencial, nem são estanques. Algumas vezes elas são concomitantes, outras, interpostas. Minayo (2002, p. 31) sugere que “muitas vezes, por exemplo, é necessário uma aproximação maior com o campo de observação para melhor delinear outras questões, tais como os instrumentos de investigação e o grupo de pesquisa”. A seguir, vamos aprofundar cada uma dessas questões.

## O QUE PESQUISAR?

O que *pesquisar* compreende: a escolha do assunto, do tema, a sua delimitação e problematização, a definição das hipóteses do estudo, a reunião da documentação bibliográfica e a elaboração da revisão da base teórica conceitual, conforme representado no diagrama 2.

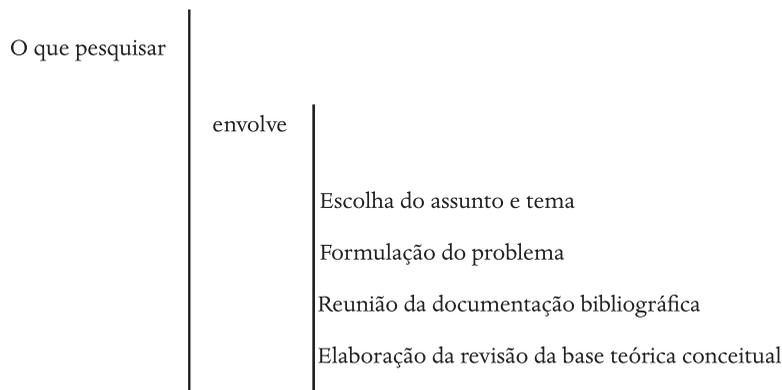


Figura 2 – O que pesquisar?

O primeiro passo do planejamento é a escolha do assunto e o tema de investigação. Luckesi et al (1986) entende que “assunto” se refere a uma área do conhecimento, é mais amplo, enquanto “tema” é mais específico, é extraído de um assunto genérico. A diferença entre esses dois aspectos pode ser visualizada no Quadro 3.

ASSUNTOS	TEMAS
Auditoria	Auditoria no serviço público
	Auditoria em empresas do terceiro setor
Finanças	Comportamento de investidores
	Finanças pessoais
Sistemas de informação em contabilidade	Mapeamento de informação
	Prospecção tecnológica

Curso de graduação	Perfil dos egressos do curso de Contabilidade
	Perfil dos ingressos no curso de Contabilidade
Contabilidade gerencial	Enfoque comportamental e mudança organizacional
	Sistema de custos em hotéis de Florianópolis

Quadro 3 – Exemplos de assuntos e temas de pesquisa.

A escolha do tema é a decisão mais difícil do processo. É resultado da interação de fatores internos e externos.

A seleção de um tema pode, inicialmente, nascer da curiosidade do pesquisador. Essa curiosidade pode estar atrelada a uma incompreensão teórica, uma dúvida ou, até mesmo, a um questionamento relacionado ao cotidiano da organização. É necessário, também, que o pesquisador faça uma reflexão pessoal sobre suas habilidades, conhecimento, preferências, segurança, aptidões, interesse e afinidade com o tema. Reflexões sobre o significado e a relevância do tema na atualidade, contribuição, repercussão do estudo para a organização e o conhecimento são, da mesma forma, essenciais. Retorno no futuro, tempo para estudo, acesso às informações e custo da pesquisa são questões pontuais que também devem ser analisadas na fase de escolha do tema a ser pesquisado.

Do ponto de vista instrumental, prático, diz Triviños (1987), a escolha do tema de pesquisa deve:

- a) cair diretamente no âmbito cultural da graduação e, secundariamente, no da especialização;
- b) surgir da prática que o investigador realiza como profissional.

*Para Salomon (1974), são fontes de inspiração e de escolha do assunto:*

- a) a observação direta do comportamento, dos fenômenos e dos fatos;*
- b) o senso comum;*
- c) a experiência pessoal;*
- d) a observação documental e o mercado de ideias;*
- e) as descobertas por intuição e insight e*
- f) os seminários.*

E, ainda, o tema pode nascer de conversas com o professor orientador, das aulas, do conteúdo das disciplinas. Escolhido o tema, o passo seguinte é a sua delimitação e problematização.

Delimitar o tema é colocar uma moldura, fazer um recorte, é focar o tema em um ângulo específico. É dizer o que fica dentro e o que fica fora do estudo; é a colocação de fronteiras em relação às variáveis, ao tempo, ao objeto de estudo e às pessoas que participarão da pesquisa. Veja um exemplo no Quadro 4.

<b>ASSUNTO</b>	<b>TEMA</b>	<b>DELIMITAÇÃO</b>
Contabilidade gerencial	Planejamento estratégico	Balanced scorecard (BSC)
		Mapa estratégico

Quadro 4 – Exemplos de assunto, tema e delimitação do tema.

O exemplo mostra que de um único tema – capacitação e desenvolvimento de pessoas – podemos desenvolver quatro (ou mais) temas para investigação. Se você resgatar a teoria estudada na Unidade 3 – Tipos de pesquisa – você poderá fazer algumas correlações, como estas expostas no Quadro 5:

TEMAS	TIPO DE PESQUISA
Levantamento de necessidades	Pesquisa bibliográfica
	Pesquisa exploratória descritiva
Elaboração de programa de capacitação e desenvolvimento	Pesquisa bibliográfica
Mapeamento de competências	Pesquisa exploratória descritiva
	Estudo de caso
Formação e qualificação de formadores de treinamento	Pesquisa descritiva
	Estudo de caso

Quadro 5 – Correlação entre tema e tipo de pesquisa.

Após a definição do tema, é preciso formular um problema de pesquisa, isto é, problematizar o tema, pois o processo de pesquisa se desencadeia a partir de uma dúvida, um questionamento. O problema de pesquisa é também chamado por alguns autores de “questão norteadora da pesquisa”, ou, simplesmente, de “questão de pesquisa”.

Problematizar o tema, segundo Quivy e Campenhoudt (1992), é procurar enunciá-lo na forma de uma *pergunta de partida*, através da qual o investigador tenta exprimir o que procura saber, elucidar e compreender sobre um assunto.

Na concepção de Luckesi et al (1986, p. 178), “é sempre uma pergunta, uma curiosidade, um desafio que move o homem a investigar, a procurar saber, a desvendar os mistérios, a superar interrogações, a vencer desafios”.

*Na formulação de um problema de pesquisa, deve-se observar que:*

- a) por ser uma pergunta, um questionamento, a frase termina com um ponto de interrogação;*
- b) o enunciado expressa a possível relação entre, no mínimo, duas variáveis conhecidas. Essa relação pode não ser necessariamente de causa e efeito;*
- c) a pergunta deve ser clara e concisa; e*
- d) o problema deve ser passível de solução.*

Ainda, seguindo orientação de Köche (1997), para enunciar um problema de pesquisa, é preciso:

- definir a área ou campo de observação. Exemplos: cultura organizacional e o compartilhamento do conhecimento;
- identificar as unidades de observação. Deve estar claro quem ou o que deverá ser objeto de observação, quais características deverão ter o local e o período em que será feita a observação. Exemplo: Avaliação da área temática das dissertações no curso de Pós Graduação em Ciências Contábeis no Brasil, no período de 2005-2006; e
- descrever as variáveis principais. Devem ser apresentadas as variáveis que serão estudadas, mostrando quais aspectos ou quais fatores mensuráveis serão analisados.

As variáveis são aspectos, propriedades, características individuais de um tema. Uma variável é qualquer coisa que possa ser classificada em duas ou mais categorias. Assim, pode-se dar como exemplos de variável: *sexo* (masculino e feminino); *classe social* (alta, média, baixa); *estruturação da área financeira* em uma organização ou empresa (tamanho, divisão do trabalho, posição na estrutura hierárquica, funções e responsabilidade); *trajetória profissional* (planos de carreira, mecanismos de ascensão profissional, comunicação do plano de carreira aos funcionários); *capacitação* (levantamento de necessidades, programas existentes e apoio dados pela empresa, instrutores, avaliação de resultados); dentre outros exemplos.

Para melhor entendimento de como deve ser formulado um problema de pesquisa, observe os exemplos extraídos da obra de Martins (1994).

ASSUNTO	CONTABILIDADE FINANCEIRA
Tema	Lucro
Problema	O aumento do lucro está relacionado ao aumento do lucro em caixa?

Quadro 6 – Exemplo de assunto, tema e problema de pesquisa.  
Fonte: Martins (1994).

Observe nesse exemplo que o assunto (Contabilidade Financeira) é mais abrangente que o tema (lucro). Observe, também, no problema de pesquisa, que a frase terminou com um ponto de interrogação, pois toda pesquisa se inicia com uma dúvida, não é mesmo? Esse conhecimento é muito importante para todos os acadêmicos que, por exigência curricular ou não, terão que desenvolver uma investigação de caráter científico.

Continuemos a analisar esse exemplo juntos. Resgatando a teoria, vimos que um problema de pesquisa geralmente expressa a relação entre, no mínimo, duas variáveis conhecidas. Para Kerlinger (1980), isso é regra! No entanto, sempre existem exceções às regras. Assim, no exemplo citado, nós temos uma única variável, que é o *lucro*, sem fazer relação com outra variável, o que também está correto.

Uma situação diferente, observe, é encontrada no Quadro 7.

ASSUNTO	CONTABILIDADE GERENCIAL
Tema	Contabilidade gerencial e o desempenho financeiro
Problema	Contabilidade gerencial e a avaliação do desempenho financeiro?

Quadro 7 – Exemplo de assunto, tema e problema de pesquisa.  
Fonte: Martins (1994).

Nesse problema de pesquisa, temos duas variáveis: contabilidade gerencial e desempenho financeiro. Essas variáveis apresentam uma relação entre si. A análise dos dados irá identificar qual é o tipo de relação existente entre essas duas variáveis.

Após a problematização do tema, surge a definição das hipóteses do estudo. Observa-se que, para Triviños (1987), o termo “hipótese” pertence aos estudos experimentais; já o

termo “questões de pesquisa”, por sua vez, aplica-se aos estudos descritivos e exploratórios. No entanto, podemos encontrar estudos descritivos e exploratórios que determinam tanto questões de pesquisa quanto hipóteses.

Hipóteses são afirmações provisórias sobre determinado fenômeno em estudo. São afirmações e indicam – da mesma forma como nas questões de pesquisa – os caminhos que deverão ser percorridos para o desenvolvimento da pesquisa, o direcionamento da investigação. Essas afirmações sempre devem ser testadas e comprovadas ou rejeitadas. As hipóteses podem surgir da teoria, dos resultados de estudos anteriores, de observações e da experiência do investigador.

*Triviños (1987) expõe algumas condições para a correta formulação de hipóteses:*

- a) devem ser expressas com clareza e simplicidade;*
- b) devem possuir a qualidade de serem verificadas empiricamente;*
- c) devem ser específicas;*
- d) devem ter apoio na teoria e*
- e) devem ter relação com o problema de pesquisa (questão ou pergunta norteadora da pesquisa).*

Observe, nos exemplos que seguem, como as hipóteses podem ser formuladas das mais diversas maneiras:

### **EXEMPLO 1. OS TRABALHADORES COM NÍVEL SUPERIOR DE ESCOLARIDADE ASSUMEM CARGOS MAIS ALTOS DENTRO DAS ORGANIZAÇÕES PRIVADAS.**

### **EXEMPLO 2<sup>3</sup>. AS VARIAÇÕES NAS CARACTERÍSTICAS DOS SISTEMAS DE SAÚDE IMPLANTADOS DEPENDEM:**

- da capacidade de financiamento e gasto municipal;
- do aprendizado institucional prévio e do poder gestor municipal;

<sup>3</sup> O Exemplo 2 pode ser encontrado no endereço eletrônico [http://dtr2002.saude.gov.br/ascom/indicadorespsf/obj\\_sint.htm](http://dtr2002.saude.gov.br/ascom/indicadorespsf/obj_sint.htm) (acesso em 08 de ago. 2007).

- da capacidade de oferta de ações e serviços existente no município;
- dos modelos de organização da Atenção Básica adotados;
- da integração entre os diferentes níveis de complexidade da assistência existentes no município e garantia das referências intermunicipais;
- dos graus de maturidade e integração do Programa Saúde da Família com a rede de serviços de saúde existente.

Apresentada a teoria que embasa a construção de um problema e de hipóteses de pesquisa, cabe salientar que, para delimitar e problematizar o tema, é necessário ter conhecimento sobre o assunto. Para tanto, é importante investigar com profundidade o que dizem os autores, isto é, buscar na literatura as contribuições teóricas já produzidas: “[...] a primeira tarefa a que nos propomos é um trabalho de pesquisa bibliográfica capaz de projetar luz [...]” sobre objeto de estudo, orienta Minayo (1996, p. 97).

Neste contexto, o próximo passo é reunir a documentação bibliográfica disponível. Esta etapa envolve o levantamento bibliográfico, o processo de leitura, o levantamento das normas de redação científica e das normas de documentação da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). É a fase da pesquisa em que se busca ampliar o conhecimento sobre o tema objeto de estudo. Na visão de Limoeiro Cardoso,

[o] conhecimento se faz a custo de muitas tentativas e da incidência de muitos feixes de luz, multiplicando os pontos de vista diferentes. A incidência de um único feixe de luz não é suficiente para iluminar um objeto. O resultado dessa experiência só pode ser incompleto e imperfeito, dependendo da perspectiva em que a luz é irradiada e da sua intensidade. A incidência a partir de outros pontos de vista e de outras intensidades luminosas vai dando formas mais definidas ao objeto, vai construindo um objeto que lhe é próprio. A utilização de outras fontes luminosas poderá formar um objeto inteiramente diverso, ou indicar dimensão inteiramente nova ao objeto. (MINAYO, 1996, p. 89)

4

A revisão da base teórica conceitual inclui a pesquisa bibliográfica e a documental. O primeiro passo para a pesquisa bibliográfica é, naturalmente, pesquisar sobre o tema nos acervos de bibliotecas, em livros, periódicos especializados e trabalhos acadêmicos (monografias, dissertações e teses). Importante é buscar diversas correntes teóricas e muitos pontos de vista de autores dos mais variados, dentro de uma mesma temática, para ampliar e sedimentar a posição que o pesquisador irá adotar na sua investigação. A pesquisa documental inclui as publicações gerais (jornais e revistas especializadas ou não), governamentais (documentos publicados pelos governos federal, estadual e municipal) e as institucionais (ligadas a instituições de pesquisa, universidades, organizações não governamentais, entre outras).

O processo de *leitura* fundamenta-se em quatro etapas:

- a) *leitura exploratória de reconhecimento*, cujo objetivo é levantar o estado da arte sobre o tema, procurando obter uma visão global do que foi publicado;
- b) *leitura seletiva*, feita mais superficialmente, com o objetivo de eliminar o dispensável, focando-se no que é de real importância;
- c) *leitura crítica ou reflexiva*, momento em que o pesquisador começa, literalmente, a aprofundar seu conhecimento sobre o estudo em questão. É, segundo Cervo e Bervian (2002), uma fase de reflexão, de percepção dos significados, de análise, comparação e julgamento. Nessa fase, inicia-se o fichamento das informações, registrando-se as fontes de informações e as citações diretas dos autores pesquisados; e
- d) *leitura interpretativa*, finalização do estudo com o julgamento do material pesquisado e com a construção do quadro teórico referencial ou fundamentação teórica.

O *levantamento bibliográfico* irá apresentar os estudos sobre o tema e o problema a ser analisado. É uma etapa crucial, pois permite que o autor tenha clareza na formulação do problema de pesquisa, facilitando a formulação dos propósitos da investigação, sinalizando a escolha do método mais adequado para a solução do problema e identificando quais serão os procedimentos metodológicos mais adequados para a realização da pesquisa e para a sustentação da análise dos dados. Para Triviños (1987), um levantamento bibliográfico bem estruturado é o que leva o pesquisador a interpretar, explicar e compreender, adequadamente, a realidade dos fatos.



## PALAVRA DO PROFESSOR

As orientações sobre procedimentos para redação científica, tema da Unidade 5, e as normas de documentação da ABNT serão disponibilizadas no AVEA desta disciplina.

Com o tema escolhido, problematizado, reunido o material bibliográfico e a revisão teórica, o pesquisador tem condições de responder à próxima pergunta que envolve o processo de pesquisa.

## POR QUE PESQUISAR?

Trata-se de explicar as razões da escolha do tema, ou melhor, quais foram os fatores que contribuíram para a decisão do pesquisador ao adotar uma determinada temática de pesquisa, e não outra. Trata-se da relevância, do porquê de tal investigação ser realizada. A justificativa da pesquisa deve articular a relevância intelectual e prática do problema pesquisado, como coloca Deslandes (2002), e “descreve[r] os motivos vivenciais e teóricos que impulsionaram a escolha do objetivo”, como complementa Minayo (1996, p. 99).

Para justificar a relevância da pesquisa, sugere-se o levantamento bibliográfico de pesquisas já realizadas, identificando quais problemas foram pesquisados e aqueles que não foram pesquisados. Quanto à relevância prática, deve-se informar os benefícios que podem decorrer da resposta ao problema de pesquisa.

Castro (1978) coloca que um trabalho pode ser justificado a partir da sua importância, originalidade e viabilidade. Para o autor, um trabalho é importante “quando está de alguma forma ligado a uma questão crucial que polariza ou afeta um segmento substancial da sociedade. Um tema pode também ser importante se está ligado a uma questão teórica que merece atenção continuada na literatura especializada” (CASTRO, 1978, p. 56).

A originalidade está presente quando os resultados “têm o potencial para surpreender”, diz Castro (1978, p. 56). E a viabilidade é considerada em relação aos fatores prazo, recursos financeiros, competência do autor e disponibilidade de informações sobre o tema.

A próxima etapa do processo de planejamento da pesquisa deverá responder à pergunta que segue.

## PARA QUE PESQUISAR?

No momento em que o problema de pesquisa (questão de pesquisa ou pergunta de partida) estiver claramente definido, o investigador tem condições de determinar os objetivos ou os propósitos do estudo.

Porém, nem sempre os passos desta caminhada se dão da forma linear como está colocado aqui: escolha do tema, delimitação e problematização do tema de pesquisa, reunião da documentação bibliográfica e elaboração da revisão da base teórica conceitual. Essa sequência auxilia bastante a caminhada, mas, muitas vezes, o problema só fica claramente definido após a determinação dos objetivos da pesquisa. Lembre-se de que o processo de pesquisa é dinâmico e que “os momentos dessa caminhada, os seus passos, devem ser vivenciados dinamicamente e dialeticamente, nunca de forma estática como se um passo nada tivesse a ver com o outro, e é por isso que chamamos de processo”. (LUCKESI et al., 1986, p.193).

*Os objetivos da pesquisa precisam ter:*

*a) clareza e precisão: “um objetivo claro e preciso é aquele que exclui a possibilidade de que seu propósito seja confundido com outro qualquer” (GIL, 2000, p. 41);*

*b) realismo: ao definir um objetivo, o investigador deve ter certeza de que poderá alcançá-lo.*

Se o problema é uma questão a investigar, o objetivo é um resultado a alcançar, diz Vergara (1997). É comum classificar os objetivos em geral e específicos. O objetivo geral tem dimensões mais amplas e é articulado a outros objetivos mais específicos.

Roesch (1999, p. 95) alerta para a diferença existente na formulação de objetivos-meios e resultados a serem alcançados (produtos-fins mensuráveis). Nas palavras da autora:

É bom destacar que um engano muito comum é confundir os objetivos do projeto com os objetivos do plano ou o cronograma que está sendo sugerido para empresa. Estes últimos são resultados com os quais o aluno não pode se comprometer a alcançar.

Para que você possa compreender melhor as diferenças entre objetivo geral e objetivos específicos, analise o exemplo abaixo, retirado da monografia de Audrey Alcântara Garcia, defendida em 2004.2, no curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal de Santa Catarina.

### OBJETIVO GERAL

O objetivo geral desta pesquisa consiste em verificar a situação econômico-financeira, considerando eventos ambientais (claramente mensuráveis segundo os princípios da contabilidade ambiental), de algumas propriedades rurais, com o intuito de fornecer aos proprietários informações relevantes, propondo, desta forma, torná-los mais competitivos no mercado em que estão inseridos.

### OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

- a) pesquisar propriedades rurais da região Oeste que trabalham com arroz ecológico;
- b) propor o uso de *softwares* de contabilidade, buscando a inclusão dos eventos ambientais.

Assim, é importante você entender que os objetivos podem ser determinados em diferentes níveis de complexidade, segundo Benjamin Bloom (1974), conforme pode ser visualizado no Quadro 8.

NÍVEIS	COMPLEXIDADE
1. Conhecimento	simples
2. Compreensão	intermediário
3. Aplicação	
4. Análise	complexo
5. Síntese	
Avaliação	

Quadro 8 – Níveis e complexidade na determinação de objetivos.

O **nível de conhecimento** estabelece o ato ou efeito de conhecer, de dar uma ideia, uma noção, o discernimento, a apreciação ou percepção clara sobre um determinado assunto. Podem ser utilizadas as seguintes palavras para indicar os objetivos, nesse nível: apontar, citar, classificar, descrever, enumerar, especificar, estabelecer, identificar, expressar, reconhecer, conhecer, relacionar, entre outras.



O **nível de compreensão** expressa o ato de compreender, a faculdade de perceber. Pode ser manifestado através das palavras deduzir, interpretar, ilustrar, diferenciar, discutir, explicar, perceber, compreender, entre outras.

O **nível de aplicação** demonstra a execução prática de uma teoria: cumprimento, emprego, utilização, uso. Aplicar, demonstrar, desenvolver, relacionar, inventariar, diagnosticar, estruturar, selecionar, construir, entre outras, são palavras que podem ser utilizadas para expressar objetivos de aplicação.

O **nível de análise** expressa a decomposição do todo em suas partes constituintes. É o exame de cada parte de um todo, com o intuito de conhecer sua natureza, proporções, funções, relações. Analisar, diferenciar, criticar, investigar, examinar são palavras utilizadas para expressar esse nível de complexidade.

O **nível de síntese** refere-se à fusão, composição, resumo. Compor, reunir, organizar, propor são palavras que podem ser usadas neste nível de complexidade.

E, por último, o **nível de avaliação** significa avaliar o valor ou validade, estimar o merecimento de, calcular, fazer ideia de, apreciar, reconhecer a grandeza, a intensidade. Avaliar, validar, medir são palavras que podem ser utilizadas para expressar esse nível.

Com as decisões sobre **o que, por que e para que pesquisar**, já resolvidas, explicadas e justificadas, você já tem condições de refletir sobre metodologia, ou seja, sobre “como pesquisar”.

## COMO PESQUISAR?

*Como fazer a pesquisa* está relacionado aos procedimentos metodológicos que decorrem do problema de pesquisa, dos objetivos do trabalho e da teoria fundamentada. Esta questão já foi tratada na Unidade 3, e agora vamos lembrar alguns pontos importantes. Nesse momento, é preciso planejar:

- a) quais são as informações necessárias para responder ao problema de pesquisa;
- b) onde estão essas informações? nas pessoas? em documentos? quem são essas pessoas? onde elas estão? quais são esses documentos? onde eles estão;
- c) De que forma podemos obter todas essas informações; e
- d) como devemos trabalhar com elas.



## LINK

Visite <http://www.ufrgs.br/bioetica/res19696.htm> e procure por informações mais precisas sobre as diretrizes e as normas regulamentadoras da pesquisa científica que envolve seres humanos, direta ou indiretamente.

Acesso em: 25 out. 2007

### *A eticidade na pesquisa implica:*

- a) o consentimento livre e esclarecido dos sujeitos envolvidos (tratá-los com dignidade, respeitá-los em sua autonomia e defendê-los em sua vulnerabilidade);*
- b) ponderação entre riscos e benefícios, tanto individuais quanto coletivos; e*
- c) relevância social da pesquisa, com vantagens significativas para os sujeitos da pesquisa, com justiça e equidade.*

Com base nesses princípios, *como fazer a investigação* pressupõe uma reflexão sobre a abordagem, o tipo de estudo, os sujeitos participantes (universo e amostra), os procedimentos de coleta e análise de dados.

Qual é a abordagem do estudo? Teórica? Aplicada? Essa é a primeira reflexão! Você lembra da primeira grande divisão dos tipos de pesquisa? Então, para revitalizar a memória, os estudos teóricos são desenvolvidos a partir de material já elaborado, principalmente de livros e artigos científicos.

Na concepção de Minayo (2002, p. 52), esse tipo de estudo “permite articular conceitos e sistematizar a produção de uma determinada área de conhecimento, [...]”, buscando a “superação daquilo que já se encontra produzido”. Por outro lado, os estudos aplicados investigam um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real (YIN, 2001). Esse tipo de estudo nasce de uma formulação teórica, confrontando-a com a realidade, isto é, com a observação empírica, ou nasce de observações empíricas (dados coletados) e seguem para as interpretações, chegando à teoria; por isso, esses estudos também são chamados de “teórico-empíricos”.

Outro ponto a ser decidido é quanto à forma de abordagem em que o problema será tratado. A abordagem quantitativa enfatiza números ou informações conversíveis em números. Os dados são analisados com apoio da estatística ou de outras técnicas matemáticas. Você lembra do tipo de pesquisa quantitativa abordada na Unidade 3? Abaixo, segue a sugestão de algumas temáticas que podem ser abordadas levando-se em consideração este tipo de pesquisa:

- a) pesquisa de demanda turística;
- b) pesquisa de aceitação de um produto;
- c) pesquisa de opinião pública eleitoral; 
- d) pesquisa de satisfação do cliente;
- e) pesquisa sobre clima organizacional e qualidade de vida no trabalho, etc.



#### PALAVRA DO PROFESSOR

Faz-se prudente lembrar que a pesquisa quantitativa é fundamentada basicamente por levantamentos amostrais resultantes da aplicação de questionários fechados. Mais adiante, no AVEA, retornaremos à abordagem quantitativa de pesquisa.

A abordagem qualitativa, ou pesquisa qualitativa, é fundamentada pelo trabalho com dados qualitativos, com informações expressas na palavra oral e escrita, em pinturas, em objetos, fotografias, desenhos, filmes, etc. A coleta e a análise dos dados não são expressas em números.

Considerações mais específicas sobre essa abordagem de pesquisa encontram-se mais no AVEA.

Quanto ao tipo de pesquisa, existem várias classificações, dependendo do autor e da finalidade do estudo, como já foi visto anteriormente, na Unidade 3 deste livro.

A abordagem e o tipo de pesquisa influenciam na definição dos sujeitos participantes da pesquisa, isto é, aqueles que fornecerão os dados que o autor necessita. Na pesquisa quantitativa, “busca-se um critério de representatividade numérica que possibilite a generalização dos conceitos teóricos que se quer testar”, de acordo com Minayo (2002, p. 102). Segundo esse autor, “numa busca qualitativa, preocupamo-nos menos com a generalização e mais com o aprofundamento e abrangência, seja de um grupo

social, de uma Organização, de uma instituição, de uma política ou de uma representação” (1996, p. 102).

Chizzotti (2001) afirma que a coleta de dados provém de documentos, da observação, ou é obtida através de respostas e declarações de pessoas que portam as informações necessárias aos objetivos da pesquisa, permitindo, posteriormente, o registro e análise de tais informações.

Neste sentido, as técnicas mais utilizadas para a coleta de dados são: análise documental, entrevista, questionário e observação. A opção por uma ou por uma combinação delas depende do tipo, da abordagem e do objetivo da investigação.

Finalizadas todas essas etapas da pesquisa, chega-se, finalmente, ao processo de análise de dados. Nas pesquisas de caráter quantitativo, os dados são submetidos à análise estatística, em que se busca mensurar a frequência, a correlação e a associação entre eles. Nas pesquisas de base qualitativa, por sua vez, as informações se materializam em forma de texto.

Para facilitar a entrada no campo de pesquisa, é importante visualizar o processo de pesquisa, com suas decisões em relação ao problema ou questão(ões) norteadora(s), objetivos, base teórica e procedimentos metodológicos escolhidos. O Quadro 9 possibilita essa visão.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	QUESTÕES NORTEADORAS	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	METODOLOGIA			
			OBSERVAÇÃO	ENTREVISTA	QUESTIONÁRIO	ANÁLISE DOCUMENTAL
Obj. esp. 1	Questão norteadora 1	Autor (ano) Autor (ano) Autor (ano)	Listar os tópicos ou os aspectos que serão observados	Pergunta 1 Pergunta 2	Questão 1 Questão 2 Questão 3	Mencionar os documentos que serão pesquisados
Obj. esp. 2	Questão norteadora 2	Autor (ano) Autor (ano) Autor (ano)	Listar os tópicos ou os aspectos que serão observados	Pergunta 3 Pergunta 4 Pergunta 5 Pergunta 6	Questão 4 Questão 5 Questão 6 Questão 10	Mencionar os documentos que serão pesquisados



Obj. esp. 3	Questão norteadora 3	Autor (ano) Autor (ano) Autor (ano)	Listar os tópicos ou os aspectos que serão observados	Pergunta 7 Pergunta 8 Pergunta 9 Pergunta 10	Questão 7 Questão 8 Questão 9	Mencionar os documentos que serão pesquisados
----------------	-------------------------	-------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------	-------------------------------------	--------------------------------------------------------

**Quadro 9** – Relação dos objetivos com as questões norteadoras, a fundamentação teórica e os procedimentos metodológicos da pesquisa. 

Concluindo esta fase, é importante relembrarmos os passos indispensáveis no planejamento da pesquisa, quais sejam: a) considerar a base teórica que fundamenta o tema; b) analisar a contribuição do trabalho; c) determinar com clareza e precisão a finalidade da investigação e d) observar e prever o caminho metodológico a ser seguido. Esta etapa de planejamento termina com a elaboração, a redação e a aprovação do projeto de pesquisa.

## 4.3 A EXECUÇÃO DA PESQUISA

Esse é o momento da aproximação do pesquisador com o seu campo de estudo. Nos estudos teóricos, esse momento fica circunscrito ao levantamento e à discussão da produção bibliográfica existente sobre o tema. Nos estudos teórico-empíricos, por sua vez, deve-se:

- a) buscar uma aproximação com as pessoas envolvidas no campo espacial selecionado para a pesquisa (uma organização, um setor, um grupo de pessoas, ou um única pessoa, dependendo do caso); e
- b) apresentar a proposta de estudo para o orientador, para uma revista, para o órgão financiador da pesquisa, etc.

Após o processo inicial de negociação, parte-se para a elaboração dos instrumentos de coleta de dados e para a coleta de dados propriamente dita. Com isso, parte-se então para posterior análise e discussão dos dados.

*Para Mattar (1999), a etapa de execução da pesquisa envolve três momentos: a preparação do campo, o campo e o processamento e a análise dos dados.*

Na fase de preparação do campo, o autor sugere as seguintes atividades (MATTAR 1999, p. 67):

- construção, pré-teste e reformulações do instrumento de pesquisa e do manual de campo;
- impressão do instrumento e do manual de campo;
- formação da equipe de campo: recrutamento, seleção e treinamento;
- distribuição do trabalho entre a equipe.

No campo, há “a coleta de dados e a conferência, verificação e correção dos preenchimentos dos instrumentos de coleta de dados” (MATTAR, 1999, p. 67). Depois disso, no processamento e análise dos dados, são realizados a digitação, o processamento, a análise e a interpretação dos dados. Destacamos, assim, que esse é o momento de relacionar os dados coletados com o problema e os objetivos da pesquisa de “forma a permitir abstrações, conclusões, sugestões e recomendações relevantes para solucionar ou ajudar na solução do problema ou para sugerir a realização de novas pesquisas [...]” (MATTAR, 1999, p. 67).

## 4.4 A COMUNICAÇÃO DOS RESULTADOS

Esse é momento em que os resultados do *que foi feito, por que foi feito, para que e como* são transformados em informações organizadas e claras. E, nesse encadeamento das ideias, pode-se:

- a) explicar, isto é, descrever, evidenciar o que está implícito;
- b) discutir, isto é, comparar as ideias contrárias;
- c) demonstrar os resultados de análise, através da argumentação; ou seja, do raciocínio lógico, da evidência racional dos fatos, expostos de maneira ordenada (KÖCHE, 1997).

Luckesi et al. (1986) aconselha que a redação do trabalho científico deve ser construída em duas etapas: a preliminar e a definitiva. Na etapa preliminar, acontece a reunião da documentação e dos registros dos fichamentos, das anotações, em que se procura manter a unicidade, dentro de uma lógica clara e organizada.

No entanto, cabe salientar que essa etapa da pesquisa não se resume à transcrição de fichas e anotações! Importantíssimo ao empreendimento científico, este é o momento em que se procura desenvolver o tema, expressar o pensamento e afirmar o ponto de vista do pesquisador e da pesquisa.

Em cada parte, capítulo, item, parágrafo, vamos expressar as nossas idéias, cuidando da seqüência, da relação com o que vem antes e o que virá depois, a fim de que a expressão do nosso pensamento, de nossa reflexão seja facilmente percebida pelo leitor de nosso escrito. (LUCKESI et al., 1986, p. 191).

É para expressar o nosso pensamento, fundamentar nossas idéias e raciocínio que iremos utilizar de idéias já consagradas, conhecimentos já conquistados por outrem; por isso em nome da honestidade científica e intelectual, do rigor e da exatidão exigidos pelo trabalho de nível científico, faz-se necessário citar integralmente a fonte de onde se originou a idéia utilizada. (LUCKESI et al., 1986 p. 192).

Na etapa definitiva da redação do trabalho científico, deve-se seguir os parâmetros estéticos e as normas de apresentação de trabalhos acadêmicos da ABNT para a redação científica. Vale lembrar: ao finalizar seu trabalho, submeta-o à revisão de linguagem! Procure um especialista da área; um bom conhecedor da língua portuguesa fará uma revisão adequada do seu trabalho acadêmico.



#### ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM

Ao longo desta unidade, você viu que o planejamento é uma etapa fundamental da pesquisa. Saber, com clareza, *o que* você vai pesquisar, *por que* você escolheu determinada temática de pesquisa (e não outra), *para que* você quer (ou deve) pesquisar e, principalmente, *como* você vai desenvolver a sua pesquisa é uma condição absolutamente imprescindível para o seu desenvolvimento adequado como pesquisador. Para que você reforce o conhecimento adquirido nesta unidade, propomos a realização de um exercício simples e extremamente útil: você vai começar a montar um esquema (uma ideia) para a realização de um artigo científico ou do seu TCC. Inicialmente, 1) estabeleça qual é o assunto e o tema que você irá abordar na sua pesquisa; depois, 2) delimite o tema e, então, 3) elabore a pergunta norteadora da sua pesquisa. Finalizadas essas etapas, 4) estabeleça os objetivos da sua pesquisa. Não esqueça que o objetivo geral da pesquisa deve responder à questão norteadora que você elaborou e que os objetivos específicos definem as etapas que você considera necessárias para atingir o objetivo geral da sua pesquisa. Redija seu texto de forma concisa e clara, encaminhe-o ao seu tutor e aguarde nossos comentários.

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade, foram apresentadas as etapas básicas para o desenvolvimento e a consolidação de uma pesquisa científica. Foi evidenciada a importância dos momentos dessa caminhada. No entanto, os passos devem ser vivenciados de forma dinâmica e nunca de forma estática. Ou seja, ficou claro que um passo depende do outro para o sucesso do resultado final, sem que, necessariamente, esse caminho seja rígido e linear. A etapa de planejamento da pesquisa é uma etapa decisória. Nela, é traçado o caminho que o investigador deverá seguir. Decisões sobre o que pesquisar, por que, quando, como e onde pesquisar são cruciais no processo investigativo. A etapa de execução da pesquisa é decisiva, pois está diretamente relacionada à entrada do pesquisador no campo de pesquisa; é a aproximação entre o pesquisador e os fatos e fenômenos que serão estudados. É o momento de coletar as informações, analisá-las, interpretá-las, para, depois, proceder à comunicação dos resultados, na última etapa investigativa. A última etapa da pesquisa é o momento de socialização do conhecimento, afinal, a ciência existe para o benefício do homem e da sociedade!



### SAIBA MAIS

Você pode saber um pouco mais sobre as etapas da pesquisa científica pesquisando nas referências colocadas a seguir:

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. *Metodologia científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1990.

[http://www.dcc.ufam.edu.br/~elaine/MCCC05\\_2004.ppt#453,5](http://www.dcc.ufam.edu.br/~elaine/MCCC05_2004.ppt#453,5)

<http://www.cefetce.br/Pesquisa/dippg/metodologia/diretrizes%20para%20elabora%E7%E3o%20de%20pesquisa.pdf>

[http://www.univima.ma.gov.br/cursointernet/material\\_didatico/metodologia/aula\\_03.pps#260](http://www.univima.ma.gov.br/cursointernet/material_didatico/metodologia/aula_03.pps#260)

[http://sbi-web.if.sc.usp.br/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cien%C3%A-Dfica\\_17032006.ppt#271,11,Pesquisa](http://sbi-web.if.sc.usp.br/Metodologia%20da%20Pesquisa%20Cien%C3%A-Dfica_17032006.ppt#271,11,Pesquisa)



Acesso em: 25 out. 2007.

# REFERÊNCIAS

BLOOM, Benjamin S. et al. Taxonomia de objetivos educacionais, domínio afetivo. Porto Alegre: Globo, 1974. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Taxonomia\\_dos\\_objetivos\\_educacionais](http://pt.wikipedia.org/wiki/Taxonomia_dos_objetivos_educacionais). Acesso em: 30 jun. 2007.

CASTRO, Cláudio de Moura. **A prática da pesquisa**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1978.

CERVO, Amado Luis; BERVIAN, Pedro Alcino. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 2002.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DESLANDES, Suely Ferreira. “A construção do projeto de pesquisa”. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2000.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

KÖCHE, José Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCKESI, Carlos et al. **Fazer universidade: uma proposta metodológica**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade. **Manual para elaboração de monografias e dissertações**. São Paulo: Atlas, 1994.

MATTAR, Fauze Nagib. **Pesquisa de marketing: metodologia e planejamento**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999. v. 1.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

\_\_\_\_\_. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, LucVan. **Manual de investigação em ciências sociais**. Lisboa, Gradiva, 1992.

SALOMON, Délcio Vieira. **Como fazer uma monografia**: elementos de metodologia do trabalho científico. 5. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1993.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração**: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso. São Paulo: Atlas, 1999.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 1997.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.



# Unidade 5

## Redação

Na elaboração de um trabalho científico, é necessário muito cuidado com sua redação. Diferentemente da escrita literária, subjetiva, repleta de emoção, de metáforas e de expressões ambivalentes, multirreferenciais, por exemplo, a escrita científica é caracterizada pela objetividade. A redação científica é fundamentada por princípios que envolvem a ética, a impessoalidade, a objetividade, a clareza, a precisão, a coerência, a concisão e a simplicidade na exposição das ideias; e por momentos indispensáveis, como a revisão, por exemplo. Isso não significa, evidentemente, que esses princípios e passos aplicam-se exclusivamente ao universo científico! Ética, por exemplo, é pressuposto básico, uma condição fundamental para a realização de qualquer trabalho, seja ele artístico, cultural ou científico! Veremos, nesta unidade, alguns pontos específicos sobre a escrita científica, que poderão auxiliá-lo na redação do seu trabalho de pesquisa. Boa leitura!



## 5.1 PRINCÍPIOS DO TRABALHO CIENTÍFICO

Podemos dizer que os tópicos a seguir figuram como qualidades básicas de uma redação científica, conforme GIL, 2002. Ao redigir o seu trabalho científico, tenha em mente esses tópicos. Eles são essenciais para que se imprima qualidade à redação acadêmica.

### ÉTICA

Todo cuidado é pouco, a falta de profissionalismo de alguns acadêmicos gera problemas sérios! Ao se coletar dados em uma pesquisa, **NÃO se pode inventar nomes, entrevistados, números, etc.**

Outro aspecto importante relacionado à ética é o plágio. Temos que ter muito cuidado com os plagiadores. Podemos e devemos utilizar textos de vários autores quando escrevemos nossos trabalhos científicos. O que JAMAIS podemos fazer é nos utilizar do texto de um autor e não referenciá-lo! Isto é plágio. Portanto, **utilize textos de autores diversos, mas NUNCA sem citar a fonte.**



LINK

“Plagiar é usurpar, roubar a essência criativa de uma obra.” (GIL, 2006).

“Negligenciar a perversidade do plágio é cooptar com sua disseminação.” (GIL, 2004).

Acesse os endereços abaixo e conheça a opinião de Paulo Roberto Ulhoa e de Randal Fonseca sobre os perigos da disseminação da “cultura da cópia” no meio acadêmico:

<http://www.mj.gov.br/combatepirataria/showartgs.asp?id=32>

<http://www.historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newsletter&id=3>

Acesso em: 25 out. 2007.

## IMPESSOALIDADE

O texto acadêmico deve ser redigido na terceira pessoa do discurso. Devemos lembrar que é preciso usar sempre o mesmo tempo verbal. Referências pessoais como “meu projeto”, “minha tese”, “meu artigo”, devem ser evitadas.

## OBJETIVIDADE

Esteja sempre atento ao uso da linguagem, pois o trabalho acadêmico deve ser escrito em linguagem direta, evitando-se que a sequência lógico-argumentativa seja desviada com considerações irrelevantes.

## CLAREZA

As ideias devem ser apresentadas sem ambiguidade, para não originar interpretações diversas. Devemos entender a ideia do autor na primeira leitura. Evitar palavras supérfluas auxilia na clareza do texto.

## PRECISÃO

Cada palavra deve traduzir com exatidão o que se quer transmitir, em especial no que se refere a registros e observações, medições e análises. Deve-se evitar o uso de adjetivos, tais como “pequeno”, “médio” e “grande”, bem como expressões do tipo “quase todos”, “uma boa parte”, etc. Devemos evitar advérbios que não explicitem exatamente o tempo, o modo e o lugar, como “recentemente”, “antigamente” e “provavelmente”, dando-se preferência aos termos passíveis de quantificação.

## COERÊNCIA

As ideias devem ser apresentadas numa sequência lógica e ordenada, assim como o texto deve ser elaborado de maneira harmoniosa. Para tanto, deve-se conferir especial atenção à criação de parágrafos. Cada parágrafo deve referir-se a um único assunto e iniciar, de preferência, com uma frase que contenha a ideia núcleo do parágrafo – o tópico frasal.

## CONCISÃO

O texto deve expressar ideias com poucas palavras. Convém, portanto, que cada período envolva no máximo duas a três linhas. Períodos longos, abrangendo várias orações subordinadas, dificultam a compreensão e tornam pesada a leitura.

## SIMPLICIDADE

Constitui uma das qualidades mais difíceis de serem alcançadas na redação de uma pesquisa científica. É comum as pessoas escreverem mais para impressionar do que para expressar, e isto não é objetivo do trabalho acadêmico. Devemos sempre direcionar o nível da escrita de acordo com o grau de conhecimento dos possíveis leitores.

## REVISÃO

Aspecto fundamental na redação acadêmica, o texto deve sempre passar por um revisor, deve estar sempre adequado às regras gramaticais da língua, como concordância, sintaxe, ortografia, pontuação, etc.

*Gil (2001) coloca algumas dicas de redação:*

- *organize bem o início da frase em torno de um sujeito ou de um conceito;*
- *use termos acessíveis ao invés de sofisticados;*
- *use frases curtas e diretas;*
- *evite ambiguidade na exposição de ideias, para não provocar dupla interpretação, usando expressões com sentido exato;*
- *evite opiniões sem confirmação;*
- *explicita pressupostos teóricos do tema;*
- *busque evidências (fatos) para demonstrar a argumentação, mantendo uma sequência argumentativa lógica.*

Lakatos e Marconi (2002) baseiam o trabalho de redação em requisitos semânticos, epistemológicos e metodológicos. A seguir, apresentamos os conceitos conforme a visão das autoras.

## 5.2 REQUISITOS SEMÂNTICOS

### EXATIDÃO LINGUÍSTICA

A ambiguidade, a imprecisão e a obscuridade dos termos específicos têm de ser evitados, a fim de assegurar a interpretabilidade empírica e a aplicabilidade da teoria.

### INTERPRETABILIDADE EMPÍRICA

Sendo um sistema interpretado mais complexo do que uma teoria abstrata, a clareza na interpretação empírica, e não a simplicidade, é que deve ser requisitada.

### REPRESENTATIVIDADE

5 Ao longo do desenvolvimento da ciência, houve uma evidenciação das teorias representacionistas que têm as seguintes vantagens: a) atingem uma compreensão mais profunda dos fatos; b) encontram-se mais aptas para predizer fatos de espécie desconhecida, não estando limitadas pelos dados empíricos acessíveis.

### SIMPLICIDADE SEMÂNTICA

É desejável, até certo ponto, economizar pressuposições. Neste sentido, juízos empíricos podem ser feitos e testados sem pressupor a totalidade.

## 5.3 REQUISITOS EPISTEMOLÓGICOS

### COERÊNCIA EXTERNA

A teoria deve ser coerente com a gama de conhecimento aceito; deve-se encontrar apoio em algo mais do que apenas em seus exemplos; deve ser considerada um acréscimo ao conhecimento e não um corpo estranho à pesquisa.

### PODER EXPLANATÓRIO

A teoria deve resolver problemas propostos pela explicação dos fatos e pelas generalizações empíricas, se existirem, de um dado domínio, e precisa fazê-lo da maneira mais exata possível. Sinteticamente, poder explanatório = alcance X precisão.

## **PODER DE PREVISÃO**

Pode ser analisado pela soma da capacidade de se prever uma classe desconhecida de fatos e o poder de prognosticar efeitos novos, isto é, fatos de uma espécie não esperada em teorias alternativas.

## **PROFUNDIDADE**

É claro que a exigência da profundidade não elimina teorias menos profundas, principalmente aquelas que contiverem conceitos úteis que correspondam, de algum modo, a entidades reais ou propriedades.

## **EXTENSIBILIDADE**

Possibilidades de extensão para abranger novos domínios. O trabalho científico tem como um de seus objetivos aprimorar e expandir o conhecimento sobre determinado assunto.

## **FERTILIDADE**

A teoria deve estar habilitada para guiar uma nova pesquisa e sugerir novas ideias, experimentos e problemas no mesmo campo ou em campos aliados.

## **ORIGINALIDADE**

É desejável que uma teoria acrescente algo novo para não se tornar desinteressante.

# **5.4 REQUISITOS METODOLÓGICOS**

## **ESCRUTABILIDADE**

É necessário que os pressupostos metodológicos da teoria sejam controláveis. Esse controle depende da forma como o autor coloca suas ideias.

## **REFUTABILIDADE OU VERIFICABILIDADE**

Deve ser possível imaginar casos ou circunstâncias que possam refutar a teoria.

## CONFIRMABILIDADE

A teoria deve ter consequências particulares que podem concordar com a observação (dentro de limites tecnicamente razoáveis). E, por certo, a confirmação efetiva, numa ampla extensão, deverá ser exigida para a aceitação de toda teoria.

## SIMPLICIDADE METODOLÓGICA

É preciso que seja tecnicamente possível submeter a teoria, ou partes dela, a provas empíricas.

*Preparando-se para redigir, tenha em mente os seguintes pontos, elaborados originalmente por Booth Colomb e Williams (2000, p.195):*

- *é preciso ter um plano, mesmo que ainda parcialmente definido;*
- *tente exprimir uma impressão do caráter que quer projetar na pesquisa;*
- *formule uma pergunta que indique algum lapso do conhecimento, alguma falha na compreensão que se quer preencher;*
- *coloque no papel sua afirmação, suas hipóteses sobre a pesquisa, ou algumas subafirmações que as sustentem, mesmo que provisórias;*
- *defina as partes especificadas da pesquisa em determinada ordem, como elas se sucederão e como as informações que você resumiu se encaixam nela.*

Agora que sabemos como os trabalhos acadêmicos devem ser escritos, veremos algumas dicas de expressões condenáveis e/ou não recomendáveis, bem como algumas sugestões de uso, de troca dessas expressões por outras mais aceitáveis na redação acadêmica, conforme registra Andrade (2003, p.137). Observe:



REDAÇÃO	
Expressões condenáveis	Opções
A nível de, ao nível	Em nível, no nível
Face a, frente a	Ante, diante de, em face de, em vista de, perante
Onde (quando não exprime lugar)	Em que, na qual, nas quais, no qual, nos quais
Sob um ponto de vista	De um ponto de vista
Sob um prisma	Por um prisma
Como sendo	Suprimir a expressão
Em função de	Em virtude de, por causa de, em consequência de

REDAÇÃO	
Expressões não recomendáveis	Opções
A partir de	Com base em, tomando-se por base, valendo-se de
Devido a	Em razão de, em virtude
Dito	Citado, mencionado
Enquanto	Ao passo que
Fazer com que	Compelir, fazer que, levar a
Inclusive (a não ser quando significa “incluindo-se”)	Até, ainda, mesmo, também
No sentido de	A fim de, para, com a finalidade de
Pois (no início da oração)	Já que, porque, uma vez que, visto que
Principalmente	Especialmente, sobretudo, em especial, em particular

Para finalizar esta unidade, vale a pena citar, a título de reflexão, as palavras de Mário Quintana:

A Coisa

A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa... e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita.

Disponível em <http://www.revista.agulha.nom.br/quinta4.html>. Acesso em: 25 out. 2007.



## SAIBA MAIS

---

Sugerimos a seguinte leitura extra para aperfeiçoamento em relação à redação do trabalho científico:

ABRAHAMSOHN, P. *Redação científica*. São Paulo: Guanabara-Koogan, 2004.

BOOTH, W. C.; COLOMB, G. G.; WILLIAMS, J. M. *A arte da pesquisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

MEADOWS, A. J. *A comunicação científica*. Brasília: Briquet de Lemos, 1999.

MEDEIROS, J. B. *Redação científica*. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SALOMON, D. V. *Como fazer uma monografia*. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NEFROLOGIA. (Prof. Dr. Lewis Joel Greene).

Disponível em:

<http://www.sbn.org.br/JBN/RedacaoCientifica.ppt#266,6,CONSIDERAÇÕES GERAIS>

Sobre os aspectos legais da propriedade intelectual, leia:

PIMENTEL, Luis Otávio. *Propriedade intelectual e universidade* – aspectos legais. Florianópolis: Editora Fundação Boiteux, 2005.

---

## RESUMO DA UNIDADE

Nesta unidade, foram apresentadas as etapas básicas para a redação de uma pesquisa científica. Ficou claro que os trabalhos científicos, sendo documentos informativos, não podem ser baseados em aproximações. O trabalho científico requer precisão, evitando-se a utilização de expressões ambíguas e a impropriedade de termos. Trata-se de exprimir fielmente as ideias, encontrando-se tradução verbal que melhor se ajuste a esse propósito, sem nada esconder nem acrescentar. É conveniente, pois, evitar termos cujo significado não seja inteiramente dominado, adjetivos triviais, lugares-comuns, etc. Ao final desta unidade, é importante que você reflita sobre o seu artigo de conclusão do curso. Para iniciar este trabalho, acesse esta disciplina no AVEA e leia com atenção o Guia de Preparação de Artigos, produzido pelo Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento da UFSC. Este guia também será utilizado como referência para a elaboração do seu artigo ou tcc. Siga as indicações e inicie a organização do seu trabalho!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 6. ed., São Paulo: Atlas, 2003.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

SALOMON, Dérci Vieira. **Como fazer uma monografia**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

TACHIZAWA, Takeshy; MENDES, Gildásio. **Como fazer uma monografia na prática**. 9. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

RADAL, Fonseca. **A questão do plágio**. História e História. Campinas: Unicamp, 2004. ISSN 1807 - 1783. Disponível em <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=newslettergid=3>. Acesso em: 23 out. 2007.



# Unidade 6

## Instrumentos e Técnicas de coleta e análise de dados

Nesta unidade, você vai conhecer os instrumentos e as técnicas utilizados para a coleta e análise de dados na pesquisa científica. Iniciemos, então, ressaltando que a escolha das técnicas para coleta e análise dos dados decorre do problema de pesquisa e dos objetivos.

Você sabe que, numa investigação científica, o pesquisador busca compreender, examinar, uma determinada situação problemática e que, para isso, depende de informações. Para buscar essas informações, que estão em diferentes lugares, é preciso planejar quais são essas informações, onde elas se encontram, de que forma é possível obtê-las e como trabalhá-las, isto é, o que você vai fazer com os dados, como vai agrupá-los e analisá-los.

Você também já viu que as técnicas são um meio auxiliar da pesquisa, um instrumento específico. Assim, você pode dispor de questionários, entrevistas, análise de documentos e observações para a coleta de dados. E, para a análise desses dados, você pode utilizar a estatística descritiva, a análise de conteúdo, de discursos, entre outras técnicas. A seguir, vamos estudar cada uma dessas técnicas.



## 6.1 QUESTIONÁRIO

O questionário é constituído de uma série ordenada de perguntas elaboradas para a coleta de informações *descritivas* (perfil socioeconômico de uma população, como renda, idade, escolaridade, profissão e outras informações), *comportamentais* (padrão de consumo, de comportamento social, econômico, pessoal, dentre outros) e *preferenciais* (opinião e avaliação de alguma condição e/ou circunstância). Conhecendo os objetivos e a população a ser estudada, Barbetta (1998) coloca alguns procedimentos para a construção de um questionário:

- a) separar as características a serem levantadas. Ex.: grau de satisfação, estado civil;
- b) fazer uma revisão bibliográfica para verificar como mensurar adequadamente algumas características;
- c) estabelecer a forma de mensuração das características (variáveis) a serem levantadas. Ex.: grau de satisfação – mensuração qualitativa; tempo de serviço (anos completos) – mensuração quantitativa;
- d) elaborar uma ou mais perguntas para cada característica a ser observada;
- e) verificar se a pergunta está suficientemente clara;
- f) verificar se a forma da pergunta não induz a alguma resposta;
- g) verificar se a resposta da pergunta não é óbvia.

*A elaboração do questionário, segundo Rea e Parker (2002), envolve a coleta de dados preliminares a respeito do tema e da população alvo da pesquisa, uma discussão em grupo sobre as questões/informações com os envolvidos e/ou interessados na pesquisa, a elaboração e o rascunho do questionário, o pré-teste, a revisão do instrumento, um 2º pré-teste, se necessário, e o delineamento do questionário final.*

A seguir, veremos alguns itens importantes na elaboração e aplicação de um questionário, tais como a introdução do questionário ou preâmbulo; o formato das perguntas; as formas de aplicação do questionário; o processo de medição e as escalas; e a sequência das perguntas.

## A INTRODUÇÃO OU PREÂMBULO DO QUESTIONÁRIO

A introdução (ou preâmbulo) do questionário deve ser constituída por um texto informando qual é a organização ou instituição que conduz o estudo, os objetivos e metas do estudo, a base da seleção da amostra, a importância do resultado, a valorização da participação do respondente, a confidencialidade (participação protegida) e a garantia de que não haverá respostas corretas ou incorretas, como mostra a seguinte carta-exemplo:

Florianópolis, 14 de agosto de 2007

Caro(a) Senhor(a),

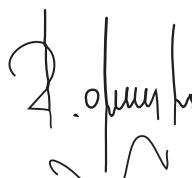
Precisamos de sua ajuda (**valor participativo**). A Empresa Alfa (**identificação da organização**) está realizando uma pesquisa junto aos clientes (**base de seleção da amostra**). As informações que você fornecer serão úteis para ajudar a empresa a melhorar serviços e programas, buscando satisfazer as necessidades e desejos dos usuários (**objetivos e metas**).

Por favor, preencha o questionário em anexo. Não há respostas corretas nem incorretas. O que há de importante nesta pesquisa são as suas opiniões (**juízo de valor**).

Este formulário contém um número de identificação que será usado somente para acompanhamento. Todas as respostas serão tratadas confidencialmente (**confidencialidade**). Por favor, coloque no correio seu envelope-resposta com porte pago até o dia X (**instrução para devolução**).

Muito obrigado pela sua ajuda (**reforço ao valor participativo**). O que você pensa é importante para nós (**reforço ao juízo de valor**).

Sinceramente,



João Pedro de Souza  
Diretor

## O FORMATO DAS PERGUNTAS NO QUESTIONÁRIO

O questionário pode ser construído com perguntas que levam a respostas abertas ou fechadas (dicotômicas, de escolha múltipla e de escala). Nas *perguntas com respostas abertas*, os entrevistados expõem suas opiniões escrevendo ou falando. Por exemplo:

Qual é a sua principal ocupação? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

O que você entende por qualidade de vida no trabalho? \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Coloque, neste espaço, suas sugestões e críticas. \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

A pergunta aberta possibilita comentários e explicações importantes para a interpretação e não exige muito tempo na preparação do instrumento. No entanto, provoca um volume de informações muitas vezes repetitivas e irrelevantes, além de apresentar custos elevados, dificuldade de tabulação, problema de autopreenchimento para as pessoas que têm dificuldade de redação e, quando aplicada através da técnica da entrevista, pode apresentar problemas em relação à interferência da interpretação do entrevistador.

Nas perguntas com respostas fechadas, o entrevistado escolhe respostas (verbalmente, ou assinalando graficamente) dentre as opções oferecidas. As perguntas fechadas podem ser:

- a) dicotômicas (sim/não, concordo/discordo, faço/não faço, aprovo/desaprovo);
- b) de escolha múltipla (em que o respondente escolhe uma alternativa por um número limitado de opções ou por qualquer número de opções de respostas).

As perguntas dicotômicas apresentam vantagens pela facilidade e rapidez de aplicação, pela tabulação e análise dos dados e pela pouca possibilidade de erros. Por outro lado, apresentam como desvantagens erro de medição e restrição nas opções.

Nas perguntas com respostas de escolha múltipla, o pesquisador deve se preocupar com o número de alternativas oferecidas e as possibilidades de posição. Não existe um número ideal de alternativas, mas existe um mínimo de três. Nas pesquisas quantitativas por amostragem enviadas pelo correio, Rea e Parker (1999) recomendam, no máximo, quinze opções de respostas. Por telefone, no máximo, seis opções. No entanto, Mattar (1999 p. 204) salienta que “os estudiosos argumentam que mais de sete confundem os respondentes sem incrementar a precisão da medição, e menos de três inviabilizam qualquer medição”. Como você pode perceber, existem opiniões divergentes entre os autores. Para eliminar esse impasse, é preciso ter bom senso e analisar cada caso isoladamente. Outra forma é se colocar no lugar do respondente e refletir sobre as dificuldades de preenchimento das respostas.

Vantagens das perguntas com múltiplas escolhas:

- a) facilidade de aplicação, processamento e análise;
- b) facilidade de responder;
- c) pouca possibilidade de erros.

Desvantagens:

- a) demora na preparação;
- b) custo elevado de preparação;
- c) possibilidade de se incluir a categoria “Outros. Quais? \_\_\_\_\_”, como forma de suprir algum esquecimento;
- d) tendência de introduzir vieses nos dados pelo fato de as alternativas de respostas serem oferecidas aos respondentes.

Nas perguntas com respostas múltiplas, é preciso verificar se as questões e opções estão adequadas aos objetivos da pesquisa; se as opções de resposta são suficientes; se não há superposição de respostas; se as opções são adequadas, imparciais e equilibradas; e, por último, verificar a facilidade e/ou dificuldade na tabulação dos dados.

*Recomenda-se consultar um profissional da área de estatística para analisar este tipo de instrumento antes de introduzi-lo no campo de pesquisa.*

## EXEMPLOS:

De que maneira a Clínica Odontológica Delta poderia melhorar seu desempenho? Marque as duas alternativas mais importantes:

Melhor qualificação dos empregados no atendimento por telefone

Nenhuma melhoria é necessária

Servir água, café e bolacha

Ampliar os serviços

Outros, especificar: \_\_\_\_\_

Não sei

Que serviços você gostaria de receber na Clínica Odontológica Delta? (Indique sua prioridade mais alta com 1, a segunda com 2 e a terceira com 3).

raio-x

atendimento domiciliar

outros, especificar: \_\_\_\_\_

## FORMAS DE APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Segundo Rea e Parker (2002), as informações podem ser coletadas pelo correio (contato indireto), por telefone e por entrevistas pessoais (contato direto).

A pesquisa pelo correio, ou *e-mail*, envolve a distribuição do instrumento de coleta de dados a uma amostra de entrevistados em potencial, pré-selecionados. O processo de preenchimento é individual, sem auxílio de um entrevistador. O questionário e as instruções são enviados a pessoas previamente selecionadas. As vantagens na utilização desse tipo de pesquisa são custos menores, conveniência (o respondente preenche conforme sua disponibilidade), amplo prazo para o preenchimento, impressões autorizadas, anonimato, redução do viés induzido pelo entrevistador. No entanto, os autores salientam que o reduzido número de respostas, prazo longo para devolução, autosseleção e falta de envolvimento com o entrevistador são algumas desvantagens desse tipo de pesquisa.

A pesquisa por telefone possibilita a coleta rápida de dados, custo inferior ao da entrevista pessoal, anonimato, facilidade de acesso em grande escala e garantia de que as instruções são seguidas. No entanto, esse tipo de pesquisa apresenta menor controle sobre a situação, menor credibilidade e confiança do que se teria em uma entrevista pessoal, falta de material visual e limitação dos entrevistados.

A aplicação de questionário com a presença do entrevistado diante do respondente tem como vantagens a flexibilidade (mais detalhes e explicação das perguntas), maior complexidade, alto índice de respostas e garantia de que as instruções são seguidas.

## O PROCESSO DE MEDIÇÃO E AS ESCALAS

“Medir” consiste em atribuir números a um objeto. O objeto não é medido, mas, sim, suas características ou atributos. Segundo Mattar (1999, p. 194), “nós não medimos uma pessoa, mas sua renda, idade, sexo, nível de escolaridade, estado civil, número de filhos, atitudes, comportamentos, etc”.

As escalas mais utilizadas em pesquisas quantitativas são as nominais, as ordinais e as escalas por intervalo.

Na escala nominal, os números são utilizados para nomear, identificar ou categorizar dados sobre pessoas, objetos ou fatos, não estando contidas, portanto, a ordenação ou a avaliação dos dados.

### EXEMPLO DE ESCALA NOMINAL:

Sexo: (1) masculino (2) feminino

Preferência política: (1) PT (2) PSDB (3) PMDB, (4) PV, etc.

Na escala ordinal, os números servem para nomear, identificar, categorizar e ordenar, segundo um processo de comparação entre as pessoas, objetos ou fatos em relação à determinada característica (MATTAR, 1999).

### EXEMPLO DE ESCALA ORDINAL:

Escolaridade:	(1) 1º grau completo	(2) 1º grau incompleto
	(3) 2º grau completo	(4) 2º grau incompleto
	(5) curso superior completo	(6) curso superior incompleto

Na escala por intervalo, os números são qualificados e ordenados em unidades constantes de medição.

### EXEMPLO DE ESCALA POR INTERVALO:

- a) (1) aprovo inteiramente (2) aprovo (3) indeciso (não aprovo e nem desaprovo) (4) desaprovo (5) desaprovo inteiramente;
- b) (1) concordo totalmente (2) concordo em parte (3) indeciso (4) discordo em parte (5) discordo totalmente;
- c) (1) concordo totalmente (2) concordo (3) indeciso (4) discordo (5) discordo totalmente;
- d) (1) muito favorável (2) um pouco favorável (3) indiferente (4) um pouco desfavorável (5) muito desfavorável.

Nas perguntas com respostas em escala, os números mostram a posição e o quanto as pessoas, objetos ou fatos estão distantes entre si em relação à determinada característica. Os respondentes escolhem a opção que mais correspondem à sua opinião.

A escala de Likert (ou somatória) é outra forma de medir a atitude do pesquisado. Essa escala se baseia na premissa de que a atitude geral se remete às crenças sobre o objeto da atitude, à força que mantém essas crenças e aos valores ligados ao objeto. Diz respeito a uma série de afirmações relacionadas ao objeto pesquisado, isto é, representam várias assertivas sobre o assunto. Nesse tipo de escala, os respondentes informam qual é o seu grau de concordância ou discordância, num *score* de 5 a 1, ou segundo as divisões: concordo totalmente, concordo parcialmente, incerto, discordo parcialmente e discordo totalmente (OLIVEIRA, 2001).

## SEQUÊNCIA DAS PERGUNTAS

*Um questionário mal estruturado pode afetar o estudo como um todo. Rea e Parker (2002) sugerem:*

*a) perguntas introdutórias: devem estar relacionadas ao assunto indicado na introdução ou preâmbulo. Devem estimular o interesse em preencher o instrumento e ser de fácil resposta;*

*b) perguntas delicadas: devem ser colocadas mais ao final do questionário;*

*c) perguntas afins: devem ser colocadas juntas, em sequência;*

*d) verificações de confiabilidade de resposta: é a repetição da mesma pergunta formulada de maneira diferente e em outro lugar do questionário.*

Quanto à extensão do questionário, o pesquisador deve assegurar que não fique tão longo a ponto de desestimular o respondente.



### **PALAVRA DO PROFESSOR**

Para leitura extra, consulte Richardson (1999 – vide Referências).

## 6.2 ENTREVISTA

A entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto (LAKATOS; MARCONI, 1990). É a técnica mais utilizada nas pesquisas qualitativas. No entanto, como afirma Minayo (1996), mediante essa técnica, podem ser obtidos dados de natureza quantitativa (censos, estatísticas, etc.) e qualitativa (opiniões, atitudes, significados).

*A entrevista apresenta como vantagem a possibilidade de ser realizada com todos os segmentos da população, incluindo os analfabetos; permite analisar atitudes, comportamentos, reações e gestos; os dados podem ser analisados de forma quantitativa e qualitativa; além de ser um instrumento de pesquisa que proporciona maior flexibilidade ao entrevistador.*

É importante ressaltar que essa técnica pode ser desenvolvida individualmente ou em grupo.

Existem diversos tipos de entrevistas. Segundo a forma como se estrutura, uma entrevista pode ser: estruturada, não estruturada, semiestruturada. A entrevista estruturada, também chamada de entrevista padronizada, tem como característica principal a utilização de um roteiro previamente organizado. O entrevistador não é livre para desenvolver “uma conversa” com o respondente, e, sim, deve seguir o roteiro sem desvios, sem alterar a ordem ou fazer perguntas que não estejam incluídas no roteiro.

Como exemplo de uma entrevista estruturada, figuram as seguintes questões:

1. Qual é o seu nome e o seu cargo na empresa?
2. Conte como foi o surgimento da empresa?
3. Quais são os fatores que o levaram a sair da incubadora de empresas?
4. Quais foram as primeiras dificuldades que vocês enfrentaram no mercado?

A entrevista não estruturada é também chamada de aberta, despadronizada ou não diretiva. Nesse tipo de técnica, o entrevistado fica livre para responder sobre o tema proposto sem estar condicionado a uma sequência programada de perguntas. Assim, o entrevistado desenvolve o tema conforme o desenrolar da conversa. O encontro se dá entre duas pessoas, sendo que o entrevistador tem clareza dos seus objetivos, mas não possui nenhum roteiro determinado.

A entrevista semiestruturada deve seguir um roteiro estipulado pelo entrevistador, que, por sua vez, deve tomar cuidado para não se prender rigidamente à sequência das perguntas. A conversa segue conforme os depoimentos do entrevistado, sem obedecer rigidamente ao roteiro de entrevista.

Além dessas três formas de entrevista, temos, ainda, a denominada *sondagem de opinião*, que é desenvolvida através do uso de questionário estruturado, com perguntas fechadas de múltiplas escolhas ou dicotômicas. O entrevistador pergunta e anota a resposta do entrevistado. Assim, o instrumento de coleta utilizado é o questionário, mas a técnica para a coleta de dados é a entrevista do tipo sondagem de opinião. No entanto, é preciso ter habilidade e sensibilidade para utilizar essa técnica, já que a interação entre pesquisador e participante da pesquisa é intensa.

Como você pode perceber, seja qual for o tipo de entrevista, o pesquisador deve ter clareza sobre qual informação ele precisa. Para isso, é preciso tomar alguns cuidados. Ao optar pela utilização desta técnica de coleta de dados na sua pesquisa, procure:

- a) planejar a entrevista, definindo claramente qual é o objetivo a ser seguido;
- b) conhecer com antecedência o entrevistado e o campo de pesquisa;
- c) agendar previamente a hora e o local do encontro;
- d) garantir o sigilo e a confiabilidade dos dados, bem como o sigilo sobre a identidade do entrevistado e
- e) no caso de se optar pela aplicação de entrevista semiestruturada ou pela estruturada, preparar o roteiro com as informações que devem ser abordadas.

Chizzotti (2001, p. 93) alerta também que

[o] entrevistador deve manter-se na escuta ativa e com a atenção receptiva a todas as informações prestadas, quaisquer que sejam elas, intervindo com discretas interrogações de conteúdo ou com sugestões que estimulem a expressão mais circunstanciada de questões que interessem à pesquisa.

O uso da técnica de entrevista exige do pesquisador um olhar atento a todas as manifestações do entrevistado, desde a linguagem oral até a linguagem gestual. Assim, uma expressão de desagrado (expressão de desgosto, agitação das mãos, mexer-se e remexer-se na cadeira, por exemplo) ou de não concordância pode ter um significado muito importante para a pesquisa. No entanto, em momento algum, o entrevistador deve opinar ou emitir qualquer julgamento, tanto sobre o tema que está sendo conversado como sobre a manifestação não verbal do entrevistado, para que não haja interferência nas respostas e a pesquisa não perca a confiabilidade científica.

Minayo (1996, p. 109) chama a atenção para a “palavra como símbolo de comunicação”, pois é por meio da palavra que o entrevistado se comunica e expressa seus valores, opiniões, sentimentos, entre outras manifestações pessoais. É também uma forma de transmitir, “através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas” (p. 100).

## 6.3 ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental, também chamada de pesquisa documental, envolve a investigação em documentos internos (da organização) ou externos (governamentais, de organizações não governamentais, instituições de pesquisa, entre outras). É uma técnica utilizada tanto em pesquisa quantitativa como qualitativa.

Os documentos internos, como estatuto(s), regulamento(s), relatórios, manuais, entre outros, apresentam como vantagem a disponibilidade e o baixo custo de utilização.

Documentos governamentais podem ser municipais, estaduais e federais. Assim, portarias, relatórios e anuários são documentos oficiais que, dependendo do objeto de estudo, são de extrema relevância para a investigação. Publicações parlamentares e documentos jurídicos são também exemplos de documentos governamentais. Mattar (1999) chama a atenção para as publicações governamentais periódicas:

- a) Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), que publica:
  - Censo Demográfico Brasileiro (situação do domicílio, população urbana e rural, idade, religião, estado conjugal, rendimento mensal, entre outras informações);
  - Censo Industrial (estabelecimentos, constituição jurídica, inversões de capital, número de funcionários, valor da produção, distribuição da produção, entre outras informações);
  - Censo predial (prédios, unidades de ocupação, situação urbana e rural, número de pavimentos, formas de utilização, entre outras informações);
  - Censo de serviços (estabelecimentos, constituição jurídica, número de empregados, despesas com salários, receitas, entre outras informações);
  - Censo Agropecuário (agricultura, pecuária, horticultura, silvicultura e extração vegetal);
- b) Instituto de Economia Agrícola/Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, que publica prognósticos agrícolas;

- c) Fundação SEADE – Sistema Estadual de Análise de Dados, com inúmeras publicações;
- d) Banco do Brasil, Carteira de Comércio Exterior, com a publicação da Revista do Comércio Exterior e Anuário do Comércio Exterior, entre outras.

Outras fontes de documentos importantes para pesquisas científicas são universidades, centros de pesquisa, associações de classe, sindicatos patronais e de trabalhadores. Como exemplos, podemos citar:

- a) Fundação Instituto de Economia da FEA/USP (FIPE);
- b) Fundação Instituto de Administração da FEA/USP (FIA);
- c) Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP) e federações de outros estados brasileiros;
- d) Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas (DIEESE);
- e) Associação Brasileira da Indústria Hoteleira (ABIH) e outros.

Em pesquisas que abordam o passado remoto, o pesquisador tem como fonte de dados a iconografia, que abrange a documentação por imagem. Lakatos e Marconi (2000) incluem gravuras, estampas, desenhos e pinturas, excluindo a fotografia, que, na concepção das autoras, refere-se a um passado mais recente.

*Foster (apud ROESCH, 1999) expõe cinco passos para o uso de documentos em pesquisas científicas. O primeiro passo trata da negociação do acesso aos documentos. É preciso deixar bem claro o objetivo da investigação, pois muitos documentos podem ser sigilosos. Há outros, ainda, que podem ser examinados, mas não copiados, entre outras situações. O segundo passo trata da verificação da autenticidade dos documentos junto às pessoas que os produziram ou que estão ligadas a eles. No terceiro passo, o pesquisador busca a compreensão e a identificação do assunto e tema de cada documento. O processo de análise dos dados é o quarto passo e, por último, o quinto passo é a utilização dos dados na pesquisa.*

Yin (2001) apresenta os pontos fortes e fracos da utilização da análise documental, como podemos visualizar no Quadro 15.

PONTOS FORTES	PONTOS FRACOS
<p>Estável – pode ser revisado quantas vezes forem necessárias;</p> <p>Exato – contém nomes, referências, detalhes;</p> <p>Ampla cobertura – longo espaço de tempo, muitos eventos e ambientes distintos.</p>	<p>Capacidade de recuperação pode ser baixa;</p> <p>Seletividade tendenciosa, se a coleta não estiver completa;</p> <p>Relato de visões tendenciosas – reflete as ideias preconcebidas (desconhecidas) do autor;</p> <p>Acesso – pode ser deliberadamente negado.</p>

Quadro 15 – Pontos fortes e fracos da análise documental.  
Fonte: Yin (2001, p. 108).

## 6.4 OBSERVAÇÃO

A observação é uma técnica em que nos utilizamos dos nossos sentidos, da nossa percepção, para obtermos informações sobre a realidade que nos cerca. Entretanto, como afirma Triviños (1987), não basta simplesmente “olhar”, é preciso destacar algo específico de um conjunto: objetos, pessoas, animais, por exemplo; prestando atenção em suas características, como cor, tamanho, forma, entre outras.

Existem diversas formas de utilização da observação. Ander-Egg (apud LAKATOS; MARCONI, 2000) explica que:

- a) quanto aos meios utilizados, a observação pode ser estruturada ou não estruturada. Na estruturada, também chamada de planejada, sistemática e controlada, o observador sabe o que procura e planeja essa busca, sistematizando as informações. Na não estruturada, também denominada assistemática, espontânea, livre, ocasional e acidental, o pesquisador não tem planejamento e controle previamente elaborados, e a entrevista ocorre de maneira ocasional. O(s) fato(s) ocorre(m) e o observador registra;
- b) quanto à participação do observador, a observação pode ser do tipo participante ou não participante. Na observação participante, o observador faz parte do grupo observado e confunde-se com ele, vivenciando diretamente a situação observada. Na observação não participante, o observador não faz parte da realidade estudada e permanece nela durante o período de investigação;
- c) quanto ao número de observações, pode ser do tipo individual ou em equipe. Como o nome indica, essas formas de observar pressupõem a participação somente do pesquisador ou de uma equipe de observadores;

- d) quanto ao lugar onde se realiza, a observação pode ocorrer na vida real (trabalho de campo) ou em laboratório.

A observação pode, ainda, ser utilizada de forma direta ou indireta (MATTAR, 1999). Na **observação direta**, o observador está presente no momento da ocorrência do fato ou fenômeno. O autor dá como exemplo a observação do comportamento do consumidor durante o processo de compra. A **observação indireta**, por sua vez, “refere-se à observação de registros deixados por comportamento ou fatos passados. [...] Um exemplo [...] é a pesquisa de lixo familiar para inferir padrões de compra e de uso de uma infinidade de produtos no lar” (p. 186).



#### ATIVIDADES DE APRENDIZAGEM

Além do questionário, da entrevista, da análise documental e da observação, o pesquisador pode dispor de outras técnicas para a coleta e a análise de dados, como, por exemplo, a técnica de triangulação de dados. Para obter informações extras sobre essas técnicas, consulte Richardson et al. (1989), citado em Referências nesta unidade. Acesse, também, o seguinte endereço eletrônico:

<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=21&texto=1284>

Neste endereço você vai encontrar um artigo do Dr. Gilberto Teixeira (professor da FEA/USP) sobre a instrumentação utilizada para a obtenção de dados nas pesquisas educacionais.

Boa leitura!

## 6.5 TÉCNICAS DE ANÁLISE DE DADOS

O processo de análise de dados é definido, por Kerlinger (1980, p. 353), como “a categorização, ordenação, manipulação e sumarização de dados”. Tem por objetivo reduzir grandes quantidades de dados brutos para uma forma interpretável e mensurável mais adaptada ao processo de análise. Vejamos, a seguir, algumas das técnicas mais recorrentes na pesquisa científica.

## ANÁLISE ESTATÍSTICA

A análise estatística mostra a relação entre variáveis através de gráficos classificados por categorias e medidos por cálculos de parâmetros de média, mediana, quartis, etc. Segundo Oppenheim (apud ROESCH, 1999), o processo de análise de dados pode reunir vários tipos de análises, dentre as quais: a univariada, a bivariada e a multivariada. **A análise univariada é a análise da frequência absoluta e relativa de cada questão pesquisada. A bivariada é a análise que faz cruzamento entre as questões pesquisadas. A multivariada explora padrões de relações entre as variáveis estudadas.**

## ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para Roesch (1996, p. 156 e 157), a técnica de análise de conteúdo procura seguir os padrões da análise quantitativa e tem como “propósito contar a frequência de um fenômeno e procurar identificar relações entre os fenômenos, sendo que a interpretação dos dados se socorre de modelos conceituados definidos *a priori*”. A análise de conteúdo, para Richardson (1989), busca compreender melhor um discurso, aprofundar suas características gramaticais, fonológicas, cognitivas e ideológicas e extrair os momentos mais importantes/relevantes do conteúdo. De acordo com Chizzotti (2001, p. 98), a análise de conteúdo é

[...] um método de tratamento e análise de informações, colhidas por meio de técnicas de coleta de dados, consubstanciadas em um documento. A técnica se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento.

A organização da análise de conteúdo envolve três fases:

- a) pré-análise;
- b) exploração do material (também chamada de descrição analítica) e
- c) análise e interpretação dos resultados.

Na pré-análise, são feitas a escolha e a organização do material. A escolha do material depende do que o pesquisador procura e do que espera encontrar. Tem como orientação a questão norteadora/problema de pesquisa e os objetivos. Com o resultado da coleta de dados, isto é, com as informações obtidas nas entrevistas, nos documentos e nas anotações colhidas durante o período de observação, o pesquisador inicia o processo de análise com uma leitura geral, que Bardin (1985) chama

de “leitura flutuante”. Dessa leitura, emergem as unidades de registro ou categorias de análise, que são palavras ou expressões, temas ou até mesmo um acontecimento relevante. Identificadas as unidades de registro, o pesquisador passa a localizá-las no texto, iniciando, assim, a segunda fase: exploração do material ou descrição analítica do conteúdo. Codificação, classificação e categorização são as atividades básicas dessa fase. Por último, a interpretação dos resultados, ou seja, o momento em que se procura correlacionar o conteúdo do material analisado à base teórica referencial.

## ANÁLISE DE DISCURSO

A análise de discurso tem como foco a análise da linguagem em uso, ou seja, da comunicação adotada em todas as formas textuais, sejam elas escritas, oralizadas ou, simplesmente, imagéticas (como é o caso da análise semiótica de mensagens discursivas veiculadas pela representação da imagem, exclusivamente). Assim, essa técnica pode ser utilizada tanto para análise de documentos e textos teóricos como para análise de depoimentos e falas dos entrevistados. Um dos maiores interesses do analista discursivo é, certamente, conseguir diagnosticar, no discurso, peças informacionais estruturadoras e estruturantes da sociedade. Vale salientar que o seu interesse é também o seu maior desafio, pois o diagnóstico adequado deste tipo de informação deve ser fundamentado por áreas multidisciplinares do conhecimento, perpassando os aspectos socioculturais, históricos, psicológicos, educacionais, políticos, ideológicos e linguísticos do discurso.

Essa técnica pode seguir os seguintes passos: identificação dos repertórios que envolvem a transcrição das entrevistas, isolamento das similaridades ou diferenças nas respostas e a classificação dos descritores. O passo seguinte é a análise e o exame dos repertórios, isto é, o texto e o contexto.

A análise de discurso é mais utilizada no campo da linguística e da comunicação especializada em analisar construções ideológicas presentes num texto, buscando enfatizar o aspecto coletivo e cultural da linguagem, enquanto a análise de conteúdo é mais direcionada ao estudo da “palavra”, isto é, ao aspecto individual e atual da linguagem.



Como textos complementares, sugerimos a leitura dos seguintes materiais:

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1985.

DELLAGNELO, Eloise Helena Livramento; SILVA, Rosimeri Carvalho da. Análise de conteúdo e sua aplicação em pesquisa em administração. In: VIEIRA, Marcelo Milano Falcão; ZOUAIN, Deborah Moraes. *Pesquisa qualitativa em administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

SELLTIZ, Claire; WRIGHTSMANN, Lawrence S.; COOK, Stuart Welldford. *Métodos de pesquisa nas relações sociais*. São Paulo: Atlas, 1987.

BARBETTA, Pedro Alberto. *Estatística aplicada às ciências sociais*. 5. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

## RESUMO DA UNIDADE

Esta unidade abordou os diferentes tipos de coleta e de análise de dados. O questionário, primeira técnica abordada, é um instrumento utilizado nas pesquisas quantitativa e qualitativa e pode ser constituído de perguntas abertas e fechadas (dicotômicas e de escolha múltipla). A entrevista é um encontro entre duas pessoas, em que uma delas obtém informações a respeito de determinado assunto. É mais utilizada em pesquisas qualitativas. A análise documental envolve a investigação em documentos internos (da organização) ou externos (governamentais, de organizações não-governamentais, instituições de pesquisa, entre outras). É uma técnica utilizada tanto na pesquisa quantitativa como na qualitativa. A observação é uma técnica que se utiliza dos nossos sentidos e da percepção do pesquisador para obter informações sobre a realidade dos fatos e acontecimentos que nos cercam.

Para análise dos dados coletados, podemos dispor da análise estatística, que mostra a relação entre variáveis através de gráficos, classificados por categorias e medidos por cálculos de parâmetros de média, mediana, quartis; da análise de conteúdo, que se aplica à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação (oral, visual, gestual) reduzida a um texto ou documento; e, por último, da análise de discurso, que tem como objeto de estudo o discurso, ou seja, a linguagem em uso, seja ela escrita, falada ou imagética.

# REFERÊNCIAS

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

KERLINGER, Fred N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1980.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 4. ed. São Paulo-Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1996.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. **Escala de mensuração de atitudes: Thurstone, Osgood, Stapel, Likert, Guttman, Alpert**. Administração on-line, São Paulo, v.2, n.2, abr/jun. 2001. Disponível em [http://www.fecap.br/adm\\_online/art22/tania.htm](http://www.fecap.br/adm_online/art22/tania.htm). Acesso em: 06 jul. 2007.

RICHARDSON, Roberto. Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1989.

ROESCH, Sylvia Maria Azevedo. **Projetos de estágio do curso de administração: guia para pesquisas, projetos, estágios e trabalho de conclusão de curso**. São Paulo: Atlas, 1999.

TRIVINÕS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.